U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

U.PORTO

MESTRADO

TEMAS DE PSICOLOGIA

Análise exploratória da co-construção narrativa na adolescência e das referências à família no processo identitário

Margarete da Conceição Fontes Gomes

M

2026



U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA CO-CONSTRUÇÃO NARRATIVA NA ADOLESCÊNCIA E DAS REFERÊNCIAS À FAMÍLIA NO PROCESSO IDENTITÁRIO

Margarete da Conceição Fontes Gomes

outubro 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Temas de Psicologia, área de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança – Proteção e Direitos da Criança, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Margarida Rangel Henriques (FPCEUP)**.

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A concretização desta dissertação representa o culminar de um percurso exigente, feito de aprendizagem, persistência, desafios e conquistas. Ao longo deste caminho, várias pessoas contribuíram, de diferentes formas, para que fosse possível chegar até aqui. A todas elas, deixo a minha sincera gratidão.

À Professora Doutora Margarida Rangel, o meu especial agradecimento pela orientação rigorosa e assertiva, pela confiança e pelo incentivo constante. Agradeço a exigência que me levou a questionar, aprofundar e melhorar cada etapa deste trabalho, bem como os ensinamentos que contribuíram para o meu crescimento académico e científico. A sua orientação foi especialmente importante nos momentos em que a conciliação entre a condição de trabalhadora-estudante e as responsabilidades familiares tornou este desafio particularmente exigente.

À Doutora Márcia Almeida, agradeço a disponibilidade extraordinária de simplificar questões.

À Beatriz Andrade, companheira de codificação e de tantas horas de trabalho, algumas "pela noite dentro", agradeço a entreajuda e a companhia. Entre dúvidas, decisões e momentos de maior cansaço, partilhar esta experiência tornou o trabalho mais leve.

À Celina e ao Rui, dos Serviços Académicos, agradeço a atenção e a forma sempre disponível com que me acompanharam nas diferentes questões administrativas e procedimentos académicos ao longo destes anos.

À minha colega e amiga Natália Monteiro, agradeço a amizade e a proximidade nos momentos em que foram necessárias.

Aos meus pais, agradeço o amor incondicional, a força e os valores que me acompanham desde sempre. Foram e continuam a ser uma referência de coragem, perseverança e esperança, princípios que também me ajudaram a enfrentar as dificuldades e a não desistir perante os obstáculos.

À minha querida filha, Joana Lima, agradeço o entusiasmo com que acompanha as minhas formações, projetos e descobertas. A tua curiosidade e a alegria com que partilhas este meu caminho lembram-me, todos os dias, que crescer também significa permanecer disponível para aprender. Que este exemplo te mostre que nunca deixamos de nos construir através do conhecimento, dos desafios e das experiências que escolhemos viver.

Aos meus queridos amigos, agradeço a amizade, a compreensão e o carinho com que respeitaram as muitas ausências e limitações de tempo que esta etapa implicou. Saber que continuavam por perto, mesmo quando não podia estar presente, foi particularmente importante.

Concluir esta investigação representa, assim, uma conquista académica, mas também pessoal. Foram anos de dedicação, conciliação e persistência, durante os quais aprendi que o conhecimento se constrói com curiosidade, rigor e disponibilidade para rever certezas.

Termino esta etapa com a satisfação de um objetivo alcançado e com a vontade de continuar a descobrir, aprofundar e aprender.

A todos os que fizeram parte deste caminho, o meu sincero agradecimento.

"As dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários."

Resumo

A construção das narrativas de vida na adolescência constitui um processo autobiográfico, relacional e interacional. Neste contexto, levantou-se a questão de saber como poderá a interação com um entrevistador favorecer a elaboração narrativa, e qual o significado que o adolescente atribui no seu relato aos pais. Este estudo definiu dois objetivos: compreender o processo de co-construção de narrativas de vida na díade adolescente-entrevistador, a partir da utilização da *Co-Construction Life-Narrative Interview with Adolescents*-CLNIA; explorar como emergem e são integradas as referências às figuras parentais e familiares no *self* narrativo.

Foram realizadas análises exploratórias de dez entrevistas de narrativa de vida de adolescentes do género masculino, com idades entre os 16-17, previamente realizadas. A dimensão internacional e de co-produção narrativa, foi analisada através do *Life-Narrative Co-Construction-Analysis Manual*-LNCCAM. A análise de conteúdo de Bardin conduziu a exploração das referências à família nas narrativas.

Os resultados evidenciam a natureza interacional harmoniosa na co-construção da narrativa de vida e que as intervenções do entrevistador favoreceram a clarificação e elaboração dos conteúdos narrados. As figuras parentais e familiares emergem associadas a diferentes experiências, assumindo funções de orientação, apoio, vínculo, aprendizagem, conflito. Estas referências articulam-se com aprendizagens, valores, decisões e interpretações sobre o próprio, sobressaindo a transformação dos significados atribuídos às experiências, ao longo do tempo. Apesar do carácter exploratório e da reduzida amostra, o estudo oferece pistas para futuras investigações sobre *scaffolding* narrativo e o papel das relações familiares na adolescência, encorajando a utilização da CLNIA na promoção do processo de construção identitária.

Palavras-chave: Adolescência; Narrativas de Vida; *Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA); Identidade Narrativa; Relações Familiares; Co-Construção Narrativa; Manual de codificação *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM)

Abstract

The construction of life narratives in adolescence is an autobiographical, relational, and interactional process. In this context, the question arose of how interaction with an interviewer may support narrative elaboration, and what meaning adolescents attribute to their parents in their accounts. This study set two aims: to understand the process of life narrative co-construction in the adolescent–interviewer dyad, using the *Co-Construction Life-Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA); and to explore how references to parental and family figures emerge and are integrated into the narrative self.

Exploratory analyses were carried out on ten previously conducted life narrative interviews with male adolescents aged 16–17. The interactional and narrative co-production dimension was analyzed using the *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM). Bardin's content analysis guided the exploration of family references in the narratives.

The results show a harmonious interactional nature in the co-construction of the life narrative, and that the interviewer's interventions supported the clarification and elaboration of the narrated content. Parental and family figures emerge associated with different experiences, assuming functions of guidance, support, attachment, learning, and conflict. These references are linked to learning, values, decisions, and interpretations about oneself, with the transformation of the meanings attributed to experiences over time standing out. Despite the exploratory nature of the study and the small sample, it offers leads for future research on narrative scaffolding and the role of family relationships in adolescence, encouraging the use of the CLNIA to promote the identity construction process.

Keywords: Adolescence; Life Narratives; *Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA); Narrative Identity; Family Relationships; Narrative Co-Construction; *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM)

Résumé

La construction des récits de vie à l'adolescence est un processus autobiographique, relationnel et interactionnel. Comment l'interaction avec un intervieweur peut-elle favoriser l'élaboration narrative, et quelle signification l'adolescent attribue-t-il à ses parents dans son récit ? Cette étude visait deux objectifs : comprendre le processus de co-construction des récits de vie dans la dyade adolescent-intervieweur, à l'aide de la *Co-Construction Life-Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA) ; explorer l'émergence et l'intégration des références aux figures parentales et familiales dans le soi narratif.

Dix entretiens de récit de vie, réalisés au préalable auprès d'adolescents de sexe masculin âgés de 16 à 17 ans, ont fait l'objet d'analyses exploratoires. La dimension interactionnelle et de co-production narrative a été analysée avec le *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM) ; l'analyse de contenu de Bardin a guidé l'exploration des références à la famille.

Les résultats montrent une co-construction du récit de vie de nature interactionnelle harmonieuse, les interventions de l'intervieweur ayant favorisé la clarification et l'élaboration des contenus narrés. Les figures parentales et familiales apparaissent associées à diverses expériences, avec des fonctions d'orientation, de soutien, de lien, d'apprentissage et de conflit. Ces références s'articulent avec des apprentissages, des valeurs, des décisions et des interprétations de soi, la transformation des significations attribuées aux expériences au fil du temps ressortant nettement. Malgré son caractère exploratoire et son échantillon réduit, l'étude ouvre des pistes de recherche sur l'étayage narratif et le rôle des relations familiales à l'adolescence, et encourage l'usage de la CLNIA pour favoriser la construction identitaire.

Mots-clés : Adolescence ; Récits de vie ; *Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA) ; Identité narrative ; Relations familiales ; Co-construction narrative ; *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM)

Índice

AVISOS LEGAIS ii
Agradecimentos iii
Resumo v
Abstract vi
Résumé vii
Índice viii
1. Enquadramento Teórico 1
1.1. Adolescência, narrativas de vida e construção da identidade 1
1.2. Relações familiares, memória autobiográfica e significado das experiências 2
1.3. Interação social e scaffolding na construção das narrativas de vida 3
2. Método 5
2.1. Objetivos 5
2.2. Desenho do estudo 5
2.3. Participantes 6
2.4. Instrumentos 7
2.4.1. Questionário sociodemográfico 7
2.4.2. Co-Constructed Life Interview for Adolescent (CLNIA) 7
2.5. Procedimentos 8
2.5.1. Análise de dados do 1.º objetivo 9
2.5.2. Análise de dados do 2.º objetivo 10
2.5.2.1. Análise dos domínios nas grelhas das referências parentais e familiares 11
2.5.2.2. Análise da grelha transversal com base nos domínios construídos 11
3. Resultados 13
3.1. Resultados da co-construção entre entrevistador e adolescente (1.º objetivo) 13
3.2. Resultados da análise de conteúdo das referências a familiares nas narrativas de vida dos adolescentes (2.º objetivo) 26
4. Discussão 32
Conclusão 34
Referências 36
Apêndices 39
Apêndice A 39

Apêndice B 42
Apêndice C 45
Apêndice D 51
Apêndice E 71

1. Enquadramento Teórico

1.1. Adolescência, narrativas de vida e construção da identidade

A adolescência constitui um período particularmente relevante para a construção da identidade, marcado pelo desenvolvimento da capacidade de refletir sobre experiências passadas, interpretar acontecimentos presentes e estabelecer relações entre diferentes momentos da trajetória pessoal. Na perspetiva psicossocial de Erikson (1968), a adolescência constitui um período central para o desenvolvimento da identidade, marcado pela exploração e integração de diferentes identificações, papéis e possibilidades no contexto do desenvolvimento pessoal e social.

As narrativas de vida constituem um meio privilegiado para organizar essa experiência, uma vez que permitem selecionar, ordenar e interpretar acontecimentos considerados relevantes. Narrar a própria vida não corresponde, assim, à simples recuperação de acontecimentos armazenados na memória, mas envolve a seleção de experiências, a sua organização temporal e causal e a atribuição de significados ao vivido (Muylaert et al., 2014). A narrativa possibilita, deste modo, integrar acontecimentos dispersos numa representação mais organizada da trajetória pessoal.

Esta perspetiva articula-se com o conceito de identidade narrativa de McAdams (1988, 1993, 2011), segundo o qual a identidade pode ser compreendida como uma história de vida internalizada e em evolução, através da qual o indivíduo reconstrói seletivamente o passado e antecipa o futuro, atribuindo unidade e significado à própria trajetória.

A narrativa autobiográfica constitui, portanto, não apenas uma forma de comunicar experiências, mas também um espaço de interpretação e atribuição de significado à própria experiência, através do qual o indivíduo constrói e reconstrói a representação de si (Bruner, 2004).

A capacidade de estabelecer relações entre acontecimentos e de os integrar numa representação coerente da própria trajetória desenvolve-se progressivamente durante a adolescência (Habermas & Bluck, 2000). Esta coerência envolve diferentes dimensões da organização narrativa, incluindo a ordenação temporal dos acontecimentos, o estabelecimento de relações entre experiências e a explicitação de relações causais e motivacionais, permitindo integrar acontecimentos numa representação mais abrangente da própria trajetória (Habermas et al., 2010).

Neste processo, a memória autobiográfica constitui uma fonte fundamental para a narrativa de vida, enquanto o raciocínio autobiográfico permite estabelecer relações de significado entre acontecimentos e *self*. O adolescente pode, assim, reconhecer aprendizagens, mudanças e continuidades e atribuir significado pessoal às experiências vividas.

1.2. Relações familiares, memória autobiográfica e significado das experiências

As relações familiares constituem um contexto relevante do desenvolvimento, no qual podem ocorrer experiências de proximidade, proteção, dependência, aprendizagem, pertença, conflito e negociação. Estas experiências integram a trajetória pessoal e podem ser mobilizadas na narrativa autobiográfica, adquirindo significados distintos em função do acontecimento narrado e da interpretação que o adolescente constrói do mesmo, a partir do presente.

A teoria da vinculação de Bowlby (1982) constitui uma referência para compreender o papel das relações precoces com figuras cuidadoras. Nesta perspetiva, as experiências relacionais participam na construção de representações acerca de si próprio, dos outros e das relações interpessoais, podendo contribuir para organizar expectativas e interpretações de experiências relacionais posteriores. Esta abordagem permite reconhecer a relevância das relações familiares no desenvolvimento sem pressupor uma relação linear ou determinista entre experiências precoces e resultados posteriores. As representações construídas nas relações iniciais podem ser modificadas e reorganizadas em função de novas experiências e de outras relações significativas.

A perspetiva ecológica de Bronfenbrenner (1979, 1994) complementa esta compreensão ao situar o desenvolvimento numa rede de contextos interdependentes. Embora a família constitua um contexto proximal relevante, a experiência do adolescente desenvolve-se também em articulação com outros contextos, nomeadamente a escola, o grupo de pares e a comunidade. As referências a pais, mães, irmãos, avós ou outras figuras significativas devem, por isso, ser compreendidas como elementos de uma trajetória de desenvolvimento mais ampla e não de forma isolada.

A relação entre memória autobiográfica e raciocínio autobiográfico é particularmente relevante neste domínio. Uma experiência familiar pode ser mobilizada não apenas para descrever o que aconteceu, mas para explicar uma mudança, uma aprendizagem,

uma decisão, um valor ou uma interpretação sobre a própria trajetória. O significado atribuído à experiência pode, assim, ser reconstruído a partir do presente, à medida que o adolescente estabelece novas relações entre o acontecimento e o *self*.

Neste sentido, a presença de uma figura familiar numa narrativa não permite, por si só, inferir consequências específicas para o desenvolvimento, a identidade ou a qualidade da relação estabelecida. O seu significado deve ser analisado em função da circunstância narrativa em que emerge e da forma como o adolescente a relaciona com a experiência relatada. Uma mesma figura pode assumir funções distintas ao longo da narrativa, surgindo associada a apoio, orientação, proteção, aprendizagem, vínculo e pertença, mas também a conflito, afastamento, perda ou transformação do significado de experiências.

1.3. Interação social e *scaffolding* na construção das narrativas de vida

A narrativa autobiográfica é produzida em contextos sociais concretos, nos quais a interação participa nas condições de organização e comunicação da experiência. Na perspetiva sociocultural de Vygotsky (1978), o desenvolvimento psicológico ocorre através de processos de interação e mediação social, tendo a linguagem um papel central na organização do pensamento e na construção de significados.

Neste enquadramento, Wood et al. (1976) introduziram o conceito de *Scaffolding* para descrever formas de apoio proporcionadas por um interlocutor durante a realização de uma tarefa que poderia apresentar maior dificuldade sem esse suporte. O apoio é ajustado às necessidades do participante, favorecendo a sua progressiva participação na resolução autónoma do problema. Embora o conceito não tenha sido originalmente desenvolvido para a construção de narrativas autobiográficas, o seu princípio é pertinente para compreender formas de apoio interacional que podem facilitar a recuperação, organização e elaboração da experiência narrativa.

No contexto narrativo, perguntas, pedidos de clarificação, incentivos à continuação e solicitações de elaboração podem criar oportunidades para desenvolver e organizar conteúdos ainda parcialmente formulados ou não explicitados na narrativa. A investigação sobre as interações conversacionais mostra que o apoio do interlocutor participa na estruturação e elaboração das narrativas autobiográficas (Fivush, 1998; Haden et al., 1997). Especificamente, Habermas et al. (2010) analisaram o *scaffolding* proporcionado por mães na narração da história de vida por crianças e adolescentes, evidenciando a relevância das

intervenções do interlocutor para a organização narrativa. Em contexto de entrevista com crianças, Silva (2013), Braga (2013) e Teixeira (2014) identificaram diferenças na extensão e organização das narrativas associadas ao apoio do entrevistador.

A entrevista de narrativa de vida constitui, assim, um contexto privilegiado para observar a relação entre intervenção do entrevistador e produção narrativa. As intervenções podem favorecer a recuperação de informação, o desenvolvimento de acontecimentos, a clarificação de conteúdos ou a explicitação de significados. Contudo, o apoio do entrevistador não determina automaticamente a resposta do adolescente. O seu contributo deve ser compreendido em relação à resposta subsequente, que pode retomar, desenvolver, reformular ou não prolongar o conteúdo introduzido ou solicitado.

A narrativa de vida pode, deste modo, ser entendida como um processo de co-construção, no qual entrevistador e adolescente participam, através das suas intervenções e respostas, na organização discursiva da experiência. Neste estudo, o *scaffolding* é, por conseguinte, entendido como uma dimensão processual da interação, cuja análise requer a consideração da participação de ambos os interlocutores, uma vez que é na relação entre intervenção e resposta que se torna observável o processo de desenvolvimento e co-construção da narrativa.

2. Método

2.1. Objetivos

Para este estudo pretendeu-se explorar dois aspetos relacionados com a construção narrativa do *self* dos adolescentes tendo sido definidos dois objetivos:

Objetivo 1: Caracterizar o processo relacional na díade entrevistador-adolescente e a dinâmica da co-construção narrativa na entrevista CLNIA (*Co-Construction Life-Narrative Interview with Adolescents)*, através da aplicação do *Life-Narrative Co-Construction Analysis Manual*.

Objetivo 2: Explorar os significados associados às figuras parentais e familiares no *self* narrativo do adolescente, através da análise do modo como estas referências emergem na sua narrativa.

2.2. Desenho do estudo

O presente estudo desenvolve-se a partir de duas dimensões de análise autónomas de narrativas de vida de adolescentes, previamente recolhidas no âmbito de uma investigação de doutoramento em curso, intitulada "Relação entre a co-construção da identidade narrativa e os *'selves'* possíveis em adolescentes e associação com o seu bem-estar em diferentes domínios", enquadrada na equipa de investigação *Webs of Meaning* da FPCEUP/CPUP, cuja investigadora é a Dra. Márcia Almeida, sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Rangel Henriques.

Para responder aos objetivos definidos, o desenho integra a análise da co-construção das narrativas de vida produzidas pelos adolescentes com o *Scaffolding* do entrevistador utilizando um Manual de Codificação existente para o efeito e uma análise de conteúdo das referências a familiares presentes nessas narrativas de vida dos adolescentes, dimensões de análise a seguir detalhadas.

A primeira dimensão incide numa análise do processo de interação entre o entrevistador e o adolescente e do processo de co-construção da narrativa de vida, através da sua codificação com base no *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM;

Habermas et al., 2020). Da utilização deste manual resultará uma análise quantitativa da presença de cada categoria.

A segunda dimensão corresponde a uma análise de conteúdo de natureza exploratória, de acordo com os princípios de Bardin (2016). A análise centra-se na identificação das referências a figuras parentais e familiares que emergem nas narrativas, com vista a compreender os significados que lhes são atribuídos na construção do *self.*

Dado o carácter exploratório do estudo e a dimensão da amostra (10 narrativas de vida), a análise quantitativa assume uma função descritiva e exploratória, não tendo como finalidade o teste de hipóteses, nem a generalização estatística dos resultados. A análise qualitativa procura, por sua vez, compreender e caracterizar de forma contextualizada os significados presentes relativos à influência dos familiares no self, nas narrativas analisadas.

2.3. Participantes

A amostra é constituída por 10 narrativas de vida de adolescentes de sexo masculino e com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos (M = 16.50, DP = 0.5).

Os participantes distribuem-se equilibradamente pelos 11.º e 12.º anos de escolaridade. Quanto à área de estudos, a maior parte encontra-se em ciências e tecnologia (n = 6, 60%), seguido de línguas e humanidades (n = 3, 30%) e ciências socioeconómicas (n = 1, 10%).

Quanto às habilitações académicas dos pais, uma parte dos pais tem o 6.º ano e o 9.º ano de escolaridade (30%), seguido do 12.º ano de escolaridade (20%). A maioria das mães tem o 12.º ano de escolaridade (40%), seguido do 9.º ano (20%) e do bacharelato/licenciatura (20%).

A quase totalidade dos adolescentes não tem problemas de saúde (90%). O único que referiu ter problemas, mencionou sofrer de neofobia alimentar (medo ou recusa em provar alimentos novos ou desconhecidos).

A maior parte não tem problemas psicológicos ou psiquiátricos diagnosticados (80%). Igualmente, a maior parte dos sujeitos não tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico (70%). A totalidade da amostra não toma medicação psiquiátrica.

2.4. Instrumentos

De seguida serão apresentados os instrumentos de recolha de dados que foram utilizados no estudo de doutoramento mais amplo, como forma de enquadrar a informação disponível sobre os participantes e permitir compreender o material disponível para análise.

2.4.1. Questionário sociodemográfico

Foi utilizado um questionário sociodemográfico para recolher informações pessoais sobre os participantes, como a idade, o género, a escolaridade, a área de estudo atual e a escolaridade dos pais. Foram ainda recolhidas informações relativas à saúde, incluindo a existência de acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico e a presença de diagnóstico de saúde pré-existente.

No presente estudo, a informação sociodemográfica foi utilizada essencialmente para a caracterização da amostra, não constituindo o foco principal da análise desenvolvida (Apêndice A).

2.4.2. Co-Constructed Life Interview for Adolescent (CLNIA)

*A Co-constructed Life Narrative Interview for Adolescents (*CLNIA*)* é uma entrevista desenvolvida por Márcia Almeida e Margarida R. Henriques (Almeida et al., 2006) que visa promover a elaboração da narrativa de vida por parte do/a adolescente, através de um processo de co-construção entre este/esta e o/a entrevistador/a. A CLNIA adapta e integra elementos da *Autobiographical Reasoning Interview* (Habermas et al., 2007), da *Emerging Life Story Interview* (ELSI; Reese et al., 2010; Chen et al., 2013) e da *Life Narrative Interview for Children* (LNIC; Henriques et al., 2009), visível no Apêndice B.

O protocolo da entrevista segue uma estrutura flexível e sequencial de três etapas com *scaffolding* progressivo do entrevistador:

1.ª Narrativa de Vida Espontânea (NE): O adolescente narra livremente a história de vida a partir de uma instrução ampla, sem interrupções ou suporte externo;

2.ª Capítulos de Vida: O adolescente organiza a sua história em capítulos, imaginando-a como um livro;

3.ª Narrativa de Vida Co-Construída (NC): Processo colaborativo no qual o adolescente percorre uma linha temporal física, posicionando autocolantes nos acontecimentos marcantes para, em co-construção com o entrevistador, aprofundar e integrar a memória e o raciocínio autobiográfico.

Adicionalmente, a CLNIA (Almeida et al., 2006) contempla um momento inicial de aquecimento (para estabelecimento da relação) e uma fase final de exploração das ressonâncias da atividade no/a adolescente (dedicada ao processamento emocional e ao encerramento ético da entrevista).

2.5. Procedimentos

A recolha de narrativas de vida e os respetivos contactos para o efeito, foram assegurados por um investigador com treino especializado na aplicação da entrevista anteriormente apresentada, antecedida pela obtenção dos devidos consentimentos informados junto dos respetivos encarregados de educação e assentimentos junto dos adolescentes. As entrevistas CLNIA foram realizadas pelo investigador do projeto mais amplo e depois as narrativas de vida co-construídas foram transcritas integralmente (*verbatim*), anonimizadas para análise.

Dado que o presente estudo incidiu na análise de narrativas de vida já recolhidas, irão ser apresentados com mais detalhe os procedimentos seguidos para a análise de dados.

O *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM) é um sistema de codificação desenvolvido para avaliar o processo e o produto da co-construção diádica de narrativas de vida. Até ao momento este sistema de análise construído em colaboração entre a equipa de investigadores *Webs of Meaning* da FPCEUP e equipa de Tilmann Habermas de Frankfurt, foi utilizado para analisar entrevistas de co-construção de narrativas de vida com crianças. O sistema organiza a análise ao longo de dois domínios complementares, e seis dimensões específicas, aplicadas a cada *utterance* (unidade de análise delimitada pela mudança de interlocutor):

(a) a *Qualidade da Interação*, que avalia a dinâmica comunicacional entre os interlocutores, cuja qualidade é central para a implementação do *scaffolding*, e integra as dimensões *Modo de Tomada de Turno, Reações* e *Intervenções*;

(b) a *Qualidade da Narrativa Co-construída*, que mede a complexidade da produção narrativa, a diversidade dos elementos, o raciocínio autobiográfico e a sofisticação dos conteúdos expressos, através das dimensões *Âmbito*, *Elementos e Processos Narrativos* e *Valência Implícita*.

As *utterances* são codificadas de acordo com todas as dimensões do *LNCCAM* e os procedimentos de codificação variam consoante as dimensões, sendo que em algumas delas

a categoria é classificada de acordo com as subcategorias listadas, noutras a categoria é codificada como presente/ausente em todos os enunciados.

A dimensão de *Modo de Tomada de Turno* refere-se à análise do modo como ocorreu a passagem da palavra entre os interlocutores e pode ser codificada em 4 categorias. A dimensão *Reação* refere-se ao modo como cada um é afetado pelas intervenções do outro e é descrito por 8 categorias. A dimensão *Intervenção* diz respeito aos recursos do diálogo utilizados para promover a produção narrativa do outro locutor e inclui 9 categorias. A dimensão *Âmbito* demonstra se a narrativa se centra principalmente em períodos mais amplos de vida ou na recordação de episódios específicos, ou se simplesmente apresenta factos sem fornecer ou suscitar uma narrativa de âmbito superior e inclui 4 categorias.

A dimensão Elementos *e Processos Narrativos* refere-se aos processos narrativos que constituem a linha de ação e criam temporalidade, ligações entre eventos, significado, desenvolvimento do *self* e outros e explora a prevalência e a diversidade de componentes na narrativa, bem como o seu nível de complexidade de raciocínio autobiográfico usado na narração e inclui 25 subcategorias. A dimensão *Valência Implícita* é codificada em perguntas e esforços de *scaffolding* dos entrevistadores ou co-narradores. Esta dimensão informa sobre a valência emocional e/ou avaliativa dos conteúdos narrados e inclui 6 categorias. Este manual pode ser consultado neste link:

https://www.psychologie.uni-frankfurt.de/85377685/Manual_200122_Life_Narrative_Co_construction_Analysis_Manual.pdf

Uma descrição do Manual com todas as dimensões e categorias pode ser consultada no *Apêndice C*.

2.5.1. Análise de dados do 1.º objetivo

*O Life Narrative Co-Construction Analysis Manual (*LNCCAM*)* foi utilizado para a codificação dos aspetos específicos do processo de co-construção das narrativas de vida, em particular das estratégias de *scaffolding* mobilizadas pelo entrevistador na interação com os adolescentes.

A codificação das narrativas de vida dos adolescentes foi realizada pela investigadora deste estudo, em conjunto com outra investigadora do *Webs of Meaning Research Group*, após uma formação de 10 horas ministrada por uma coautora do manual de codificação. Esta formação incluiu sessões práticas de treino para aferição do acordo interjuízes, através do coeficiente κ de Cohen, tendo sido atingido um acordo piloto muito elevado de $\kappa = .95$.

Durante o processo de cotação efetiva do *corpus* do estudo, o valor de concordância obtido situou-se em $\kappa = .88$, o que reflete igualmente um elevado nível de acordo interjuízes.

Assim, a análise incidiu sobre as dimensões do LNCCAM permitindo caracterizar a dinâmica interacional entre entrevistador e adolescente e analisar a sequência entre as intervenções do entrevistador e as respostas subsequentes do adolescente.

A partir da codificação, foram realizadas análises descritivas dos resultados, quanto à presença de cada categoria, tendo os cálculos sido realizados no *software* IBM *SPSS* Statistics, versão 29.

Dado o reduzido tamanho da amostra (*N = 10*) foram usadas estatísticas não-paramétricas, como a mediana *(Me),* amplitude interquartis *(AIQ),* coeficiente de variação *(CV)* e os valores mínimos (*Mín.*) e máximo (*Máx.*). O coeficiente de variação *(CV)* é definido como CV=(DP/|M|)×100, para M≠0, e segundo Pestana e Gageiro (2014, p. 111), de dispersão fraca (CV≤15%), o coeficiente de variação situada entre 15 e 30%, sendo dispersão moderada (15%<CV≤30%), e (CV > 30%) de dispersão forte.

2.5.2. Análise de dados do 2.º objetivo

Para responder ao segundo objetivo e analisar as referências a familiares nas narrativas de vida dos adolescentes, procedeu-se a uma análise de conteúdo de acordo com Bardin (2016), enquanto técnica de análise de dados qualitativos que permite interpretar discursos, textos ou outros tipos de material. Como explica Bardin, "Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' [...] extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas [...] é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência." (2016, p. 15). Para a concretizar, a investigadora deste estudo organizou, codificou e interpretou os dados, de forma sistemática e com base em critérios bem definidos, tendo seguido a análise de excertos das narrativas em que os adolescentes faziam referência aos pais e familiares quer no relato de acontecimentos da infância, quer na evocação de experiências mais recentes. Não foram consideradas as referências de forma isolada, mas atendendo ao contexto narrativo em que emergiam, aos acontecimentos e experiências a que estavam associadas e aos significados que assumiam na narrativa do adolescente. Procurou-se, deste modo, compreender em que circunstâncias as figuras parentais e familiares eram mobilizadoras e quais os significados que eram atribuídos, por exemplo, mais associados a apoio, proteção, orientação, aprendizagem, conflito, perda, ausência ou distanciamento.

Numa segunda etapa, os dados provenientes das grelhas individuais foram integrados numa súmula transversal, o que permitiu sistematizar as principais regularidades observadas entre as entrevistas. Esta síntese considerou, entre outros aspetos, as figuras parentais e familiares mobilizadas, os contextos e acontecimentos em que emergiam, a forma da sua emergência na narrativa e as funções e significados associados às referências, destinada a analisar de que modo as experiências e relações envolvendo essas figuras se relacionavam com a forma como os adolescentes se apresentavam, se compreendiam e atribuíam significado à própria trajetória de vida.

A grelha transversal das dez entrevistas permitiu integrar os resultados individuais numa leitura conjunta, evidenciando os padrões recorrentes e as particularidades das narrativas. Esta análise explorou de que modo as referências parentais e familiares emergem nas narrativas de vida, em que contextos e com que significados são mobilizadas e articuladas com a representação do *self* por parte dos adolescentes.

2.5.2.1. Análise dos domínios nas grelhas das referências parentais e familiares

As grelhas individuais tiveram uma análise de natureza exploratória e interpretativa. A definição dos domínios de análise foi orientada pela literatura sobre relações familiares, socialização e narrativa autobiográfica, articulando dimensões teoricamente relevantes com categorias construídas indutivamente a partir dos dados. Por exemplo, a literatura sobre socialização familiar destaca o papel das figuras parentais na transmissão de valores, normas e aprendizagens (Grusec, 2011), dimensão que orientou a atenção a referências relacionadas com a orientação educativa e a transmissão de valores e aprendizagens nas narrativas dos adolescentes. A definição e aplicação das categorias foram, contudo, realizadas de forma indutiva, considerando os significados emergentes nos dados.

Nas entrevistas de vida, foram identificadas experiências familiares nas quais emergiam referências a figuras parentais e familiares, analisando-se o modo como estas eram narradas e interpretadas pelos adolescentes. Algumas experiências eram reinterpretadas e integradas numa narrativa mais abrangente da própria vida, articulando acontecimentos, relações familiares e significados atribuídos ao *self* (Fivush, 2008, 2011).

2.5.2.2. Análise da grelha transversal com base nos domínios construídos

Com o objetivo de compreender em que contexto narrativo emergem as referências parentais e familiares nos relatos dos adolescentes, procedeu-se a uma análise qualitativa do

discurso narrativo verificando os temas transversais entre adolescentes. O sistema de codificação organiza-se em torno de cinco etapas principais da análise exploratória:

- Acontecimentos e outras referências: Identifica a tipologia de relato em que a figura familiar é evocada. Compreende acontecimentos de vida específicos (experiências marcantes, decisões, perdas ou eventos positivos da infância e adolescência), a identificação de rotinas quotidianas partilhadas, a caraterização individual da figura ou, ainda, reflexões explícitas sobre o impacto dessa pessoa na construção da identidade do adolescente.
- Figuras Mencionadas**:** Mapeia os elementos da rede familiar mobilizados no discurso (por exemplo, mãe, pai, ambos os pais, avós, irmãos ou primos). Este domínio permite analisar quem é invocado na narrativa e qual a sua posição afetiva no contexto da experiência relatada para cada figura.
- Função e Significado: Examina o papel específico que a figura assume no episódio e o significado que lhe é atribuído pelo participante. As referências podem integrar funções de apoio, proteção, cuidado, mediação, segurança, orientação, transmissão de valores ou definição de limites, mas também cenários de conflito e ausência, sendo o seu sentido interpretado em articulação direta com a situação narrada.
- Vínculo e Pertença: Analisa a qualidade relacional e os processos de ligação afetiva. Agrupa dimensões relativas à proximidade, segurança emocional, sentimento de pertença e continuidade das relações familiares, experiências de distanciamento, separação ou ausência que interfiram na perceção do vínculo.
- Articulação com a Narrativa de Vida: Avalia de que modo a referência familiar se integra no percurso de vida global do adolescente. Foca-se nas ligações estabelecidas entre acontecimentos passados e presentes, momentos de transição e mudança, aprendizagens pessoais, decisões e o impacto na perceção do "eu" atual.

3. Resultados

Os resultados serão organizados em duas grandes partes: numa primeira parte, serão apresentados e discutidos os resultados das categorias relativas ao processo de co-construção, de acordo a codificação utilizada; na segunda parte será apresentada a análise de conteúdo realizada sobre as referências dos adolescentes à família, no seu processo de construção da identidade.

3.1. Resultados da co-construção entre entrevistador e adolescente (1.º objetivo)

Considerando o carácter inovador de usar uma narrativa co-construída entre adolescente e entrevistador, experiência já investigada com crianças, com resultados encorajantes, interessou neste estudo conhecer a viabilidade deste processo. O objetivo desta co-construção incide na utilização de *scaffolding* que proporcione ao adolescente uma maior elaboração da sua narrativa de vida. Sabendo-se que a boa implementação do *scaffolding* depende de uma interação de qualidade, em que o ambiente da relação seja de colaboração e harmonioso, foi considerada a pertinência de conhecer a qualidade da relação estabelecida entre o entrevistador e o adolescente ao longo da entrevista, enquanto o adolescente produzia a sua narrativa e o entrevistador ia colocando questões acerca da mesma.

De modo a descrever o processo de co-construção da narrativa de vida das 10 díades entrevistador-adolescente, foram efetuadas análises para dimensões do Life Narrative Co-Construction Analysis Manual (LNCCAM). Tendo em consideração o tamanho reduzido da amostra, optou-se pela utilização de testes não paramétricos nas conseguintes análises estatísticas dos dados, conforme descrito atrás.

Para a dimensão *Modo de Tomada de Turno* destinada a avaliar a dinâmica interacional subjacente à co-construção da narrativa, permitindo identificar diferentes formas de assunção e desenvolvimento do turno pelo adolescente, analisamos as frequências encontradas em cada uma das suas categorias: harmonioso, obtém turno, interrompe e completa, as quais se apresentam na Tabela 1 em baixo apresentada.

Tabela 1

Mediana, coeficiente de variação, valores mínimo e máximo da dimensão: Modo de Tomada de Turno

	Me	AIQ	CV (%)	Mín	Máx
Entrevistador					
Harmonioso	83.0	78.0	44.7	41	143
Obtém o turno	0.0	0.0	---	0	0
Interrompe	5.0	6.3	92.1	0	13
Completa	0.5	2.0	133.3	0	4
Adolescentes					
Harmonioso	0.0	0.0	---	0	0
Obtém o turno	84.0	74.5	44.1	39	144
Interrompe	4.0	4.3	75.3	0	8
Completa	0.0	0.0	---	0	0

Nota. Me = mediana; AIQ = amplitude interquartis; CV = coeficiente de variação; Mín = valor mínimo; Máx = valor máximo.

No entrevistador a categoria "harmonioso" é claramente a componente dominante. Não houve registos na categoria "obtém o turno". Nos adolescentes a subdimensão "obtém o turno" é a componente dominante. Não houve registos nas categorias "harmonioso" e "completa". As categorias avaliadas registam forte dispersão (CV > 30%), indicando grande heterogeneidade relativa.

Estes resultados evidenciam uma boa cooperação na díade entrevistador-adolescente, em que cada interveniente desempenha adequadamente o seu papel: o entrevistador adota uma transição de turno harmoniosa, sem que o modo tenha sido disruptivo ou impositivo, enquanto o adolescente intervém sobretudo em resposta às solicitações do entrevistador.

A dimensão *Reação* destinada a avaliar continuidade ou ruturas na interação para entrevistador e adolescentes e procura conhecer o modo como cada interveniente reagiu às intervenções do outro de acordo com as categorias: Continuidade natural, rejeita, ignora, não recorda, corrige, confirma, modifica, surpreende. Analisamos as frequências encontradas em cada uma das categorias as quais se apresentam na Tabela 2.

Tabela 2

Mediana, coeficiente de variação, valores mínimo e máximo da dimensão: Reação

	Me	AIQ	CV (%)	Mín	Máx
Entrevistador					
Continuidade natural	83.0	74.0	44.3	40	140
Rejeita	0.0	0.0	---	0	0
Ignora	0.0	0.0	316.2	0	1
Não recorda	0.0	0.0	---	0	0
Corrige	0.0	0.3	210.8	0	1
Confirma	4.5	2.3	44.8	1	9
Modifica	1.0	1.3	110.5	0	3
Surpreende	0.0	0.0	316.2	0	1
Adolescentes					
Continuidade natural	59.0	58.0	49.6	24	110
Rejeita	4.0	4.3	87.9	0	16
Ignora	0.0	0.3	210.8	0	1
Não recorda	0.5	1.0	116.5	0	2
Corrige	5.0	6.5	79.6	0	10
Confirma	15.5	11.0	35.2	6	22
Modifica	2.5	3.0	56.2	1	4
Surpreende	0.0	0.0	316.2	0	2

Nota. Me = mediana; AIQ = amplitude interquartis; CV = coeficiente de variação; Mín = valor mínimo; Máx = valor máximo.

No entrevistador a categoria "continuidade natural" é claramente dominante. Com exceção da categoria "confirma", as restantes categorias registam valor médio igual ou próximo de zero, com a consequente inflação da variabilidade. Todas as categorias registam forte dispersão (CV > 30%).

Nos adolescentes existe um padrão bastante diferente, dada um maior registo de respostas por todas as categorias. Em termos médios, predomina a "continuidade natural", seguido de "confirma", "rejeita" e "corrige". A dispersão é forte em todas as categorias, sendo, contudo, mais reduzida em "confirma". Estes resultados sugerem uma boa

cooperação e fluidez na díade entrevistador-adolescente. Os momentos de disrupção revelaram-se escassos, traduzindo-se apenas em pontuais rejeições por parte do adolescente.

Pela reduzida percentagem de algumas destas categorias e pela equivalência da qualidade da reação, subagruparam-se as categorias deste domínio em conjuntos de *reações positivas* – Continuidade Natural; Surpresa; Confirma e Repete – e *reações negativas* – Corrige e Modifica; Ignora, Rejeita e Não Recorda.

Procedeu-se, de seguida, na Tabela 3, à análise descritiva das categorias Qualidade da Reação Positiva e Negativa.

Tabela 3

Estatísticas descritivas não paramétricas da qualidade da reação, com recurso à mediana e à amplitude interquartis (AIQ)

Qualidade da Reação	Interlocutor	*Mediana (AIQ)*
Positiva	Entrevistador	75.00 (82.25)
	Adolescente	62.00 (66.50)
Negativa	Entrevistador	0.00 (0.00)
	Adolescente	4.50 (5.75)

Na Tabela 3 observa-se um predomínio de reações positivas em ambos os interlocutores, registando-se uma Mediana de 75.00 (*AIQ* = 82.25) no entrevistador e de 62.00 (*AIQ* = 66.50) nos adolescentes. Por contraste, as reações negativas apresentaram frequências muito reduzidas nos adolescentes (*Md* = 4.50, *AIQ* = 5.75) e expressividade nula no entrevistador (*Md* = 0.00, *AIQ* = 0.00).

Estes resultados refletem uma dinâmica interacional recetiva e fluida. Reforçam a manifestação de uma reduzida perceção de carga de disrupção por parte do adolescente em relação às intervenções do entrevistador.

Em seguida, com vista a compreender melhor a dinâmica de cada um destes tipos de reação, consideramos o interesse de explorar as associações que poderia existir entre as

várias categorias por parte de cada um dos interlocutores, através do cálculo de correlações de *Spearman*. Os resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Matriz de correlações entre as categorias da dimensão Reação para cada interlocutor

	CNat	Rj	Ign	NRec	Corr	Conf	Mod	Surp
Continuidade natural	---	b)	.174	b)	.348	.702*	.420	.522
Rejeita	.653*	---	b)	b)	b)	b)	b)	b)
Ignora	.349	.089	---	b)	.667*	.297	.557	-.111
Não recorda	.541	.655*	.625	---	b)	b)	b)	b)
Corrige	.722*	.795**	.525	.694*	---	.268	.511	-.167
Confirma	.509	.252	.044	.490	.200	---	.318	.535
Modifica	-.239	-.385	.046	.162	-.537	.398	---	.433
Surpreende	.524	.355	-.167	.257	.175	.351	.122	---

Nota. CNat = Continuidade natural; Rj = Rejeita; Ign = Ignora; NRec = Não recorda; Corr = Corrige; Conf = Confirma; Mod = Modifica; Surp = Surpreende. Sombreadas a cinza são as correlações que correspondem aos adolescentes e sombreadas a verde correspondem ao entrevistador.

b): significa que não foi gerada correlação, uma vez que as subdimensões "rejeita" e "não recorda" no entrevistador, são constantes.

** $p < .01$. * $p < .05$.

Na leitura da tabela, verifica-se que no entrevistador, são estatisticamente significativas ($p < .05$), as correlações entre "continuidade natural" e "confirma", entre "ignora" e "corrige" a primeira de forte magnitude ($.70 \leq r_s < .90$), a segunda de moderada magnitude ($.40 \leq r_s < .70$).

Nos adolescentes, as correlações estatisticamente significativas têm orientação positiva e "rejeita", está correlacionada com a "continuidade natural" (moderada correlação, $r_s = .653$) e com "corrige" (forte correlação, $r_s = .795$) e com "não recorda" (moderada correlação, $r_s = .655$). Também existem correlações significativas entre "corrige" (moderada correlação, $r_s = .694$) e "não recorda" e "continuidade natural", de forte magnitude ($r_s = .722$). Assim vemos que as intervenções de "corrige" e de "rejeita" dos adolescentes não se

opuseram à continuidade natural, mas, pelo contrário, aparecem associadas com estas, não apontando para uma posição menos favorável do adolescente às interações do entrevistador, mas talvez uma postura fluída, segura e com reações diversificadas. A reação "rejeita", surge também associada a "não recorda", o que talvez possa indicar que esta reação de rejeitar as dicas se prenda com adolescentes que terão menos acesso a memórias episódicas.

Para a dimensão *Intervenção,* que analisa os recursos dialógicos utilizados para promover a produção narrativa do outro locutor, avaliou-se a distribuição das *utterances* do entrevistador e dos adolescentes, codificadas com cada uma das categorias a esta subordinadas: metacomunicação, muda ou termina narrativa, encorajamento, pedido de narrativa, orientação, questões específicas, dá uma pista e elabora.

Na dimensão *Intervenção*, na Tabela 5, pretende-se caracterizar as diferentes estratégias utilizadas no processo de co-construção narrativa, a frequência dos resultados encontrados para cada uma das categorias, metacomunicação, pedido de narrativa, orientação, questões específicas, dá uma pista, encorajamento, comentário, elabora, muda ou termina a narrativa.

Tabela 5

Mediana, coeficiente de variação, valores mínimo e máximo das subdimensões da dimensão: Intervenção

	Me	AIQ	CV (%)	Mín	Máx
Entrevistador					
Metacomunicação	10.0	8.0	39.3	5	18
Pedido de narrativa	16.0	8.0	43.4	7	29
Orientação	22.0	13.8	39.2	6	35
Questões Específicas	47.5	37.3	87.2	19	202
Dá uma pista	0.0	1.3	191.0	0	4
Encorajamento	20.0	50.3	88.6	1	68
Comentário	29.0	27.3	45.6	13	47
Elabora	0.0	0.0	---	0	0
Muda ou termina a narrativa	1.0	1.3	82.0	0	2
Adolescentes					
Metacomunicação	12.0	6.8	38.3	5	18
Pedido de narrativa	0.0	0.0	316.0	0	1

	Me	AIQ	CV (%)	Mín	Máx
Orientação	0.0	0.0	---	0	0
Questões Específicas	2.5	2.3	47.1	1	5
Dá uma pista	0.0	0.0	---	0	0
Encorajamento	5.0	8.0	91.8	1	17
Comentário	1.5	3.0	76.7	0	5
Elabora	74.5	52.0	43.3	29	129
Muda ou termina a narrativa	1.0	0.0	47.1	0	2

Nota. Me = mediana; AIQ = amplitude interquartis; CV = coeficiente de variação; Mín = valor mínimo; Máx = valor máximo.

No entrevistador predomina a categoria "questões específicas". Nos adolescentes, predomina, "elabora", de acordo com o que seria esperado da parte de cada um. A categoria "dá uma pista" tem reduzido valor médio no entrevistador, sendo constante nos jovens.

Estes resultados evidenciam uma clara complementaridade na interação da díade entrevistador-adolescente: enquanto o entrevistador formula questões específicas para obter informação adicional sobre determinado conteúdo narrativo, o adolescente acrescenta novos elementos, de forma a desenvolver a narrativa de vida.

Na dimensão *"Âmbito"* que diferencia se o conteúdo narrado refere-se à narrativa de vida (inclui todo o tipo de reflexões pessoais sobre o *self* e de conexão entre as experiências de vida e a sua identidade)**,** se refere ao relato de um evento único, enquanto narrativa singular, se se trata da descrição de uma rotina autobiográfica, algo que era habitual acontecer, recorrente ou se se trata da apresentação de um facto isolado, procedeu-se à análise descritiva da distribuição das intervenções da entrevistadora e do adolescente, cujos resultados podem ser observados na Tabela 6, abaixo apresentada.

Tabela 6

Mediana, coeficiente de variação, valores mínimo e máximo da dimensão: Âmbito

	Me	AIQ	CV (%)	Mín	Máx
Entrevistador					
Narrativa de vida	36.5	14.0	31.4	11	47
Evento único	32.0	26.0	52.0	12	63
Rotina	0.0	1.0	174.8	0	2
Facto	2.0	5.5	107.5	0	18
Adolescentes					
Narrativa de vida	36.5	22.5	35.9	22	69
Evento único	36.5	30.0	49.9	15	77
Rotina	3.5	5.3	79.1	0	10
Facto	8.5	9.5	81.4	2	30

Nota. Me = mediana; AIQ = amplitude interquartis; CV = coeficiente de variação; Mín = valor mínimo; Máx = valor máximo.

No entrevistador e adolescentes, as categorias "narrativa de vida" e "evento único" registam a média mais alta, com um padrão semelhante, ainda que nos adolescentes a média seja sistematicamente mais elevada. Em todas as categorias a dispersão é forte (CV > 30%), embora a "narrativa de vida" registe a mais baixa variabilidade.

Estes resultados refletem que a díade entrevistador-adolescente encontra-se focada no alvo da construção identitária através de valores mais elevados na memória autobiográfica (Evento Único) e no raciocínio autobiográfico (Narrativa de Vida) e sobretudo que é nesses elementos que o entrevistador faz incidir o seu *scaffolding*.

Para explorar a associação entre as categorias, com vista a melhor compreender as categorias que mais estão ligadas com a narrativa de vida, utilizou-se a correlação de *Spearman,* tendo identificado apenas uma correlação significativa forte entre a "narrativa de vida" e o "evento único", tanto nas categorias da entrevistadora, como dos adolescentes (respetivamente, $r_s = .717$ e $r_s = .782$). Estes resultados, sublinham o diálogo entre a memória episódica a qual constitui a base das narrativas autobiográficas singulares e o raciocínio autobiográfico expresso na narrativa de vida.

Na dimensão "*Elementos e Processos Narrativos"* que explora a prevalência e a diversidade de componentes na narrativa, refletindo o nível de complexidade do raciocínio autobiográfico, analisou-se a distribuição das intervenções do entrevistador e dos adolescentes e procedeu-se ao agrupamento de cada uma das 25 categorias da variável em 11 variáveis compósitas, de seu nome: *Orientação Temporal*, *Orientação Causal-Motivacional*, *Orientação Temática*, *Autocaracterização*, *Contexto*, *Circunstâncias Potencialmente Traumáticas*, *Ações*, *Emoções*, *Avaliações*, *Reflexões* e *Futuro*. Cada categoria foi alocada a uma categoria compósita pela natureza dos processos narrativos de raciocínio autobiográfico a ela associados e seguindo o tratamento de dados realizado na análise das entrevistas co-construídas com crianças (Almeida, 2017), que podem ser observados na Tabela 7.

Tabela 7

Estatísticas descritivas da variável Elementos e Processos Narrativos

Categoria Compósita	*Mediana (AIQ)*
Entrevistador	
Orientação Temporal	15.00 (10.25)
Orientação Causal-Motivacional	14.50 (10.00)
Orientação Temática	2.50 (2.50)
Autocaracterização	0.00 (0.25)
Contexto	32.50 (20.00)
Circunstâncias Potencialmente Traumáticas	0.00 (0.00)
Ações	57.00 (47.75)
Emoções	5.50 (9.25)
Avaliações	13.00 (9.75)
Reflexões	5.50 (4.00)
Futuro	1.50 (4.00)
Adolescente	
Orientação Temporal	20.00 (10.75)

Categoria Compósita	*Mediana (AIQ)*
Orientação Causal-Motivacional	36.00 (11.25)
Orientação Temática	9.00 (8.50)
Autocaracterização	1.00 (1.50)
Contexto	50.50 (35.50)
Circunstâncias Potencialmente Traumáticas	2.00 (3.25)
Ações	60.00 (43.50)
Emoções	23.50 (9.25)
Avaliações	35.50 (22.25)
Reflexões	17.00 (14.25)
Futuro	6.00 (6.75)

Nota. AIQ = amplitude interquartis.

Na análise da dimensão *Elementos Narrativos* produzidos pelo entrevistador focam-se nas Ações (*Md* = 57.00, *AIQ* = 47.75) e no Contexto (*Md* = 32.50, *AIQ* = 20.00), registando frequência nula em Circunstâncias Potencialmente Traumáticas e Autocaracterização.

Do mesmo modo, nos *Elementos Narrativos* produzidos pelos adolescentes *d*estacam-se as Ações (*Md* = 60.00, *AIQ* = 43.50), o Contexto (*Md* = 50.50, *AIQ* = 35.50). Salienta-se ainda a Orientação Causal-Motivacional (*Md* = 36.00, *AIQ* = 11.25) e as Avaliações (*Md* = 35.50, *AIQ* = 23.25). Observa-se alguma expressão de Emoções (*Md* = 22.50, *AIQ* = 9.25) e Reflexões (*Md* = 17.00, *AIQ* = 14.25). Em contrapartida, as Circunstâncias Potencialmente Traumáticas (*Md* = 2.00, *AIQ* = 3.25) e a Autocaracterização (*Md* = 1.00, *AIQ* = 1.50) apresentam valores residuais.

Em suma, a distribuição dos elementos narrativos revela um padrão semelhante entre adolescentes e entrevistador. Em ambos, sobressaem a descrição de ações e do contexto, enquanto a autocaracterização e os conteúdos traumáticos registam os valores mais baixos. Apesar desta correspondência, os adolescentes apresentam valores absolutos sistematicamente superiores em todas as categorias.

Finalmente, propõe-se a análise do impacto do *scaffolding* na produção dos elementos narrativos. Tal análise foi efetuada através de uma atribuição de emparelhamentos entre *utterances*/falas entrevistador-adolescentes sequenciais. Definiram-se três variáveis com o intuito de classificar o impacto do *scaffolding* na mesma linha do estudo de Almeida (2017), nomeadamente o Insucesso no *Scaffolding*, em que apesar da solicitação de conteúdo específico pertencente a um ou vários elementos por parte do entrevistador, o adolescente não é capaz de corresponder ao exigido; o Sucesso no *Scaffolding*, ocorrências em que o adolescente produz conteúdo narrativo específico a um ou vários elementos explicitamente pedidos pelo entrevistador; por fim, o *Scaffolding* Expandido, referente a uma produção espontânea de conteúdo por parte do adolescente que ultrapassa o solicitado pelo entrevistador.

A Tabela 8 apresenta o resultado das frequências relativas do insucesso, sucesso e expansão do *scaffolding* por emparelhamento sequencial de *utterances* entrevistador-adolescente relativas a cada categoria compósita da dimensão *Elementos Narrativos*. Este valor é expresso através da proporção da percentagem do número de *utterances* sequenciais de cada narrativa onde se verificou Insucesso, Sucesso ou Expansão no *scaffolding* pelo total de sequências onde ocorre uma dada categoria compósita.

Tabela 8

Mediana das frequências relativas do Insucesso, Sucesso e Expandido do Scaffolding

Elementos Narrativos	Insucesso *Mediana (AIQ)*	Sucesso *Mediana (AIQ)*	Expandido *Mediana (AIQ)*
Orientação Temporal	.17 (.20)	.27 (.12)	.58 (.23)
Orientação Causal-Motivacional	.09 (.12)	.26 (.12)	.66 (.12)
Orientação Temática	.11 (.25)	.06 (.14)	.83 (.30)
Autocaracterização	.00 (.00)	.00 (.08)	1.00 (1.00)
Contexto	.17 (.12)	.60 (.18)	.19 (.13)
Circunstâncias Potencialmente Traumáticas	.00 (.00)	.00 (.00)	1.00 (1.00)
Ações	.27 (.20)	.00 (.00)	.73 (.20)
Emoções	.14 (.26)	.00 (.00)	.86 (.26)
Avaliações	.09 (.17)	.00 (.00)	.91 (.17)
Reflexões	.07 (.08)	.15 (.13)	.77 (.21)
Futuro	.00 (.18)	.00 (.00)	1.00 (.18)

Nota. AIQ = amplitude interquartis.

A figura abaixo ilustra bem os resultados obtidos, facilitando a visualização das categorias em que foi mais frequente o sucesso de *Scaffolding* e o *Scaffolding* expandido.

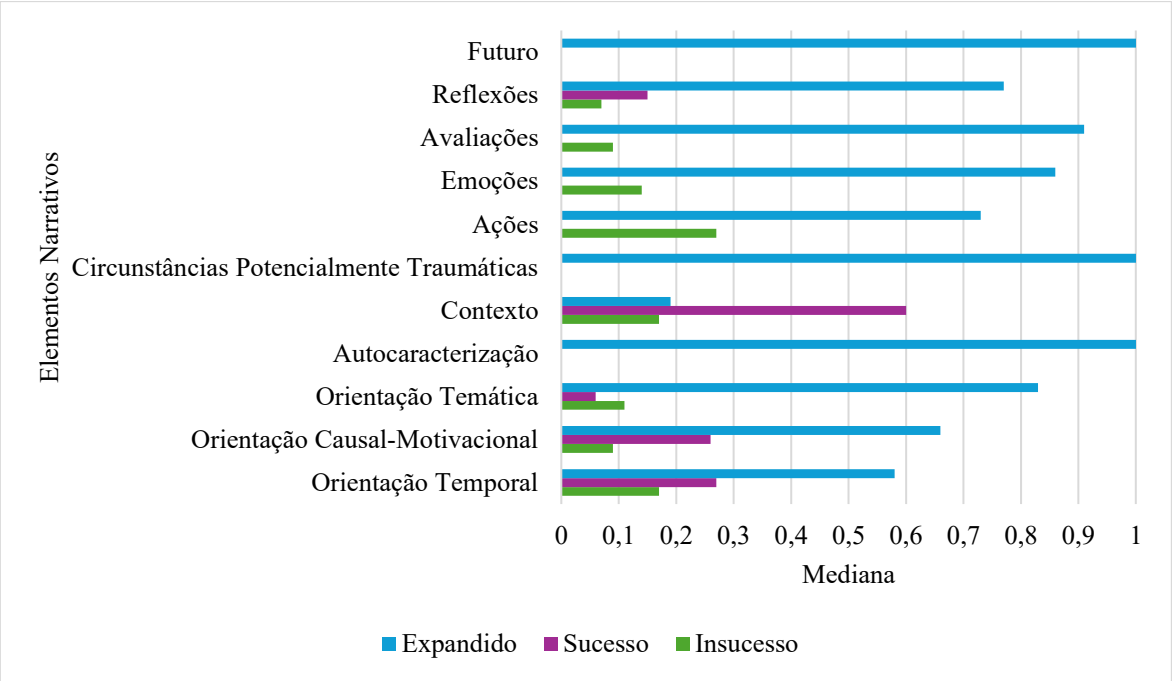


Figura 1

Frequências relativas do Insucesso, Sucesso e Expandido do Scaffolding

A análise do impacto do S*caffolding* (Tabela 8 e Figura 1) evidencia o predomínio da resposta *Expandida* na maioria das categorias narrativas. As medianas mais elevadas verificaram-se na Autocaracterização, nas Circunstâncias Potencialmente Traumáticas e no Futuro (*Me* = 1.00), seguindo-se as Avaliações (*Me* = .91, *AIQ* = *.17*), as Emoções (*Me* = .86, *AIQ* = .26), a Orientação Temática (*Me* = .83, *AIQ* = .30), as Reflexões (*Me* = .77, *AIQ* = .21), as Ações (*Me* = *.73, AIQ* = .20), a Orientação Causal-Motivacional (*Me* = .66, *AIQ* = .12) e a Orientação Temporal (*Me* = *.58, AIQ* = .23). O Contexto apresentou a menor proporção de respostas Expandidas (*Me* = .19, *AIQ* = .13), sendo nesta categoria que se destacou o *scaffolding* com *Sucesso* (*Me* = .60, AIQ = .18). As taxas de Insucesso foram globalmente reduzidas, com medianas iguais ou inferiores a .27.

Globalmente, a elevada frequência de respostas *Expandidas* na maioria das dimensões sugere que as *prompts* do entrevistador tendem a funcionar como facilitadores de uma maior elaboração autobiográfica. Observou-se como exceção a categoria *Contexto*, na qual predominou o *scaffolding* com Sucesso, o que sugere que o papel do entrevistador focou-se em situar o adolescente no tempo e no espaço, de forma a ativar a inclusão de memórias episódicas específicas dos acontecimentos na sua narrativa de vida. As reduzidas proporções de *scaffolding* com *Insucesso* indicam que as solicitações do entrevistador, de forma geral, estiveram ajustadas à capacidade de resposta dos adolescentes. Curioso notar que se o insucesso do *scaffolding* foi também o resultado mais reduzido nas crianças,

sugerindo o ajustamento do *scaffolding* à sua zona de desenvolvimento proximal, já a proporção entre o sucesso e o *scaffolding* expandido foi a contrária (Almeida, 2017), tendo sido menos frequente o *scaffolding* expandido. Esta diferença de resultados dos adolescentes a apresentarem maior facilidade de expansão da elaboração narrativa a partir de uma prompt/dica do entrevistador, poderá ser explicada pelo desenvolvimento ao nível das narrativas de vida, em que se espera que é na adolescência que emergem e que continua sempre a evoluir (Habermas, 2000, 2001). Deste modo, os resultados apresentados pelo adolescente são sugestivos de autonomia na elaboração narrativa.

Em síntese, esta análise descritiva evidenciou padrões distintos e que parecem complementares entre entrevistador e adolescentes nas dimensões *Modo de Tomada de Turno, e Intervenção*. *No Modo de Tomada de Turno,* observou-se um predomínio da subdimensão "harmonioso" no entrevistador e de "obtém o turno" nos adolescentes. Na dimensão *Intervenção*, destacaram-se as "questões específicas" no entrevistador e "elabora" nos adolescentes. Quanto à dimensão *Reação*, a "continuidade natural" apresentou os valores médios mais altos quer no entrevistador quer nos adolescentes e no *Âmbito,* a "narrativa de vida" e "evento único" apresentaram maior expressão também em ambos. Quanto ao impacto do *scaffolding* na produção dos elementos narrativos por parte dos adolescentes verificou-se que predominou o S*caffolding Expandido e o Scaffolding* com Sucesso. Com efeito, considerando a qualidade da interação e a adesão às intervenções do entrevistador para a integração de mais elementos na narrativa de vida, poderemos sugerir que a co-construção de narrativas de vida com adolescente funciona e parece beneficiar a qualidade da elaboração.

3.2. Resultados da análise de conteúdo das referências a familiares nas narrativas de vida dos adolescentes (2.º objetivo)

Em alinhamento com o segundo objetivo, procedeu-se a uma análise qualitativa de natureza exploratória das referências às figuras parentais e familiares presentes nas narrativas de vida dos dez adolescentes. Para o efeito, foram construídas grelhas individuais de análise, especificamente desenvolvidas para este estudo, orientadas pelos princípios da análise de conteúdo de Bardin (2010). A definição dos domínios de análise foi informada pela literatura sobre relações familiares, socialização e narrativa autobiográfica, articulando dimensões teoricamente relevantes com categorias construídas indutivamente a partir dos

dados. Neste sentido, a literatura sobre socialização parental, ao destacar o papel das figuras parentais na transmissão de valores, normas e aprendizagens (Grusec & Davidov, 2010), orientou a atenção para referências relacionadas com orientação educativa, transmissão de valores e aprendizagens. Do mesmo modo, a literatura sobre memória autobiográfica e construção narrativa do *self* sustenta a compreensão de que as experiências familiares podem ser reinterpretadas e integradas pelos adolescentes na atribuição de significado ao próprio percurso e à representação de si (Fivush, 2008; Nelson & Fivush, 2004). Estas referências teóricas assumiram, contudo, uma função orientadora, não constituindo um sistema de categorias previamente definido, tendo a análise privilegiado os significados que emergiam dos próprios dados.

A análise incidiu sobre todo o material discursivo relativo a pais e familiares identificado em cada narrativa de vida, considerando tanto referências a acontecimentos da infância como a experiências mais recentes. As referências foram analisadas no contexto narrativo em que emergiam, atendendo aos episódios a que se encontravam associadas e aos significados que assumiam no discurso do adolescente. Em cada grelha individual, foram registados o tipo de conteúdo discursivo em que a referência ocorria, nomeadamente, o relato de episódios significativos, a descrição de rotinas ou a reflexão sobre uma pessoa ou relação, a sua localização temporal na trajetória de vida, as figuras familiares mencionadas e os excertos relevantes da narrativa. No caso dos acontecimentos significativos, considerou-se o relato da experiência a eventual significação ou impacto atribuído pelo adolescente; nas referências a rotinas, registaram-se situações apresentadas como práticas habituais; e, nas reflexões, foram consideradas as elaborações em torno da pessoa ou da relação estabelecida com ela. Foram ainda elaborados um resumo do conteúdo e um comentário interpretativo, através de uma síntese narrativa, procurando compreender o significado assumido pela referência no contexto específico em que emergia.

A consideração da localização temporal das referências permitiu explorar se estas se concentravam predominantemente na infância ou se atravessavam diferentes momentos da trajetória de vida. Do mesmo modo, a análise permitiu atender às diferentes formas de presença das figuras familiares e aos significados que lhes eram atribuídos, incluindo referências relacionadas com apoio, proteção, orientação, aprendizagem, conflito, perda, ausência ou distanciamento. Foram igualmente considerados os excertos da narrativa de vida em que surgia material associado a cada referência, preservando a sua relação com o episódio ou experiência narrada. Pode ser consultado no *Apêndice D* um exemplo da estrutura de uma

grelha individual, bem como as grelhas de análise produzidas para cada participante, identificado por um nome fictício.

A partir das grelhas individuais, foi realizada uma síntese das análises exploratórias de cada entrevista, permitindo caracterizar os principais conteúdos emergentes e organizar o material relevante de forma sistemática. Estas sínteses encontram-se apresentadas no *Apêndice D*. Posteriormente, procedeu-se a uma análise transversal das dez entrevistas, com o objetivo de identificar regularidades na forma como os adolescentes mobilizam as figuras familiares, os contextos e acontecimentos em que estas emergem e os significados atribuídos às experiências narradas. Esta síntese transversal encontra-se apresentada no *Apêndice E*.

Considerou-se ainda a relação entre as experiências e relações familiares narradas e a construção narrativa do *self*, procurando compreender de que modo determinadas experiências eram retomadas, interpretadas ou integradas pelos adolescentes na apresentação e compreensão da própria trajetória de vida. Este processo de categorização permitiu organizar e sistematizar o material analisado.

1. Acontecimentos e outras referências:

As figuras parentais e familiares surgem associadas a acontecimentos significativos da infância e da adolescência, incluindo situações de dificuldade, perda, separação, conflito, *bullying*, mudanças familiares, decisões e conquistas. As referências familiares surgem, assim, integradas nos acontecimentos narrados, adquirindo relevância em função das circunstâncias específicas de cada acontecimento.

Em GOAL, por exemplo, as referências familiares surgem associadas a experiências de infância, situações em que se perdeu em espaços e acontecimentos relacionados com conflitos e *bullying.* Em GUHE, a narrativa familiar encontra-se particularmente associada à presença e posterior ausência do pai na sequência do divórcio dos progenitores. Em JOCA, o divórcio constitui inicialmente uma experiência dolorosa, posteriormente integrada numa narrativa de crescimento e maior autonomia. Em RECA, as referências familiares surgem associadas a acontecimentos da infância, repreensões, acidentes e experiências de aprendizagem.

A diversidade dos acontecimentos mostra que a referência familiar pode ser mobilizada em contextos narrativos distintos, abrangendo experiências positivas, negativas e ambivalentes, dependendo da interpretação que o adolescente constrói a partir da sua posição atual.

2. Figuras parentais e familiares mobilizadas:

As figuras mencionadas incluem mães, pais, avós, irmãos e primas, revelando uma rede familiar diversificada. Embora os progenitores assumam um lugar importante em várias narrativas, outras figuras adquirem igualmente relevância em determinados episódios.

A mãe é particularmente mobilizada em GOAL e PEBA, nomeadamente em relação ao percurso escolar. Em GOAL, o adolescente refere que a mãe "obriga-me" a estudar. O pai assume maior centralidade em GUHE, GOBR, JOCA e RORE. Em GUHE, é ainda referido o avô, associado à unidade familiar e à continuidade das relações entre os diferentes membros da família, enquanto a irmã surge relacionada com a transmissão de experiências e conselhos. Em ROTA, as irmãs mais velhas assumem uma posição significativa, sendo descritas como "segundas mães". Em HUFE, a mãe é mobilizada a propósito de dificuldades relacionadas com a alimentação, que o adolescente designa como "neofobia alimentar". A referência remete para uma experiência da infância em que a mãe o obrigou a comer um prato de arroz e associa a sentimentos de nojo. A avó destaca-se, por sua vez, pela função educativa e pela transmissão de valores.

Em RECA, a mãe e a avó surgem associadas a uma situação de repreensão na infância, após o adolescente ter partido alguns vasos, sendo evocada uma ameaça de lhe dar pimenta para comer.

Os resultados mostram, assim, que as referências significativas não se restringem às figuras parentais, sendo diferentes membros da família mobilizados em função das experiências narradas.

3. Função e significado das figuras familiares:

A análise evidencia uma diversidade de funções atribuídas às figuras parentais e familiares, incluindo apoio, proteção, orientação, educação, transmissão de valores, acompanhamento, suporte emocional e definição de limites, mas também experiências de controlo, conflito ou limitação.

A mãe surge, em várias narrativas, associada ao acompanhamento e à orientação, nomeadamente no percurso escolar de PEBA. Em HUFE, determinadas experiências relacionadas com a mãe são apresentadas de forma negativa ou ambivalente, particularmente no contexto das dificuldades alimentares e da repreensão materna que o adolescente considera ainda repercutir-se na sua forma de comunicar. Em RECA, a mãe e a avó surgem associadas a experiências de repreensão que o adolescente interpreta posteriormente como positiva tornando-se uma pessoa mais ponderada. Também a figura paterna assume significados diversificados. Em GUHE, a presença do pai e a posterior separação decorrente

do divórcio constituem elementos relevantes da narrativa, sendo a experiência associada à necessidade de gerir determinados sentimentos com o propósito de proteger a mãe. Em GOBR, a influência paterna aparece relacionada com escolhas e orientações ao longo do percurso. Em PEXA, os pais são associados à transmissão de valores e à aceitação das características pessoais e relacionais do adolescente. Em RORE, o pai é descrito como um "alicerce" e como uma figura que influenciou a escolha de um percurso associado à sua própria paixão: "(…) sempre disse que queria seguir a paixão do meu pai." Em ROTA, as irmãs são descritas como "segundas mães", sendo inicialmente narradas como uma experiência limitadora, mas posteriormente integradas de forma mais reflexiva.

Assim, a função atribuída às figuras familiares pode assumir diferentes significados em diferentes episódios, dependendo das circunstâncias narradas e da interpretação construída pelo adolescente.

4. Vínculo, pertença e diferenciação:

As referências familiares evidenciam significados associados à proximidade, pertença, memória e continuidade relacional. Os adolescentes não se limitam a descrever as influências familiares, mas, em vários casos, refletem sobre elas e posicionam-se perante o que receberam.

A referência a diferentes membros da família permite, observar simultaneamente a importância dos vínculos relacionais e processos de diferenciação, através dos quais os adolescentes reconhecem influências familiares sem deixarem de construir uma posição própria perante essas experiências.

5. Articulação das referências com a narrativa de vida e o self:

As referências familiares articulam diferentes momentos da trajetória de vida, relacionando experiências passadas com aprendizagens, valores, formas de agir, escolhas e características pessoais. Em ROTA, JOCA, GOBR e PEXA, por exemplo, as influências familiares são mobilizadas na explicação de escolhas, valores e características pessoais. Algumas experiências inicialmente apresentadas como dolorosas, conflituosas ou limitadoras são posteriormente integradas em narrativas de aprendizagem, crescimento ou autonomia.

Esta leitura aproxima-se de McLean et al. (2010), que salientam a construção narrativa do *self* em articulação com processos de individuação, autonomia e ligação aos outros, e de Branje (2022), que relaciona o desenvolvimento da identidade na adolescência com as experiências quotidianas, os acontecimentos de vida e os contextos relacionais.

No presente estudo, estas perspetivas permitem compreender as referências familiares como parte dos contextos relacionais através dos quais os adolescentes atribuem significado às experiências e constroem representações sobre si próprios.

A presença de figuras familiares associadas a proteção, segurança e apoio em situações de vulnerabilidade ou mudança pode ser relacionada com o papel das figuras significativas proposto por Bowlby (1969/1982). Esta aproximação é, contudo, interpretativa, uma vez que os dados não permitem inferir padrões de vinculação a partir das referências familiares.

Os resultados podem igualmente ser relacionados com Zaman e Fivush (2013), que identificaram associações entre a segurança da vinculação e características das narrativas de adolescentes sobre experiências relacionadas com os pais, nomeadamente a coerência e a expressividade emocional. Esta articulação sustenta a relevância das experiências parentais na organização e interpretação das narrativas, sem permitir inferir padrões de vinculação. A mesma figura familiar pode assumir significados distintos consoante o acontecimento, sendo algumas experiências posteriormente reinterpretadas.

Globalmente, os resultados sugerem que as referências familiares não se limitam à descrição de relações ou acontecimentos, podendo participar na construção de significados sobre aprendizagens, valores, escolhas e características pessoais, evidenciando uma articulação entre influências familiares e processos de diferenciação e apropriação pessoal.

4. Discussão

O presente estudo procurou compreender de que forma o *scaffolding* do entrevistador participa na co-construção das narrativas de vida de adolescentes e explorar como emergem e são integradas as referências às figuras parentais e familiares nesse processo. Os resultados sustentam uma compreensão da narrativa de vida como uma produção situada e interacional, na qual a organização da experiência resulta da articulação entre as intervenções do entrevistador e a participação ativa do adolescente.

Relativamente ao *scaffolding*, os resultados mostraram que as intervenções do entrevistador podem favorecer a continuidade, clarificação e elaboração dos conteúdos narrados, tendo na grande maioria das vezes sido um *scaffolding* com sucesso ou expandido e ultrapassando a pista fornecida. Contudo, o seu efeito não é linear, nem determinante, uma vez que uma mesma intervenção pode ser seguida de desenvolvimento, reformulação, ampliação ou não prosseguimento do conteúdo. O contributo do entrevistador deve, por isso, ser compreendido em função da resposta subsequente do adolescente e funcionando com base numa relação harmoniosa e de suporte, ir atuando diversas vezes. Esta dinâmica é consistente com a perspetiva sociocultural de Vygotsky (1978) e com o conceito de *scaffolding* proposto por Wood et al. (1976), segundo o qual o apoio interacional cria condições para a realização e elaboração progressiva de uma atividade. Os resultados encontram também consonância com estudos realizados em contexto de entrevista com crianças, que evidenciaram associações entre o suporte do entrevistador e a qualidade da produção narrativa, nomeadamente ao nível da produtividade, organização e coerência das narrativas (Silva, 2013; Braga, 2013; Teixeira, 2014). No contexto da narrativa de vida, estes dados reforçam, assim, a natureza relacional da construção narrativa, sem atribuir ao entrevistador a determinação dos conteúdos ou significados produzidos. O estudo sobre o impacto da co-construção do entrevistador de narrativas de vida com crianças mostrou também que na maioria das vezes o *scaffolding* foi bem-sucedido (Almeida, 2017).

As referências parentais e familiares revelaram uma presença diversificada nas dez entrevistas, envolvendo pais, mães, irmãos, avós e uma prima.

Deste modo, as figuras familiares parecem assumir diferentes posições no discurso autobiográfico, podendo constituir elementos de apoio, referência, aprendizagem ou tensão, consoante a experiência narrada e o significado que lhe é atribuído. Esta variabilidade é compatível com a perspetiva de Habermas et al. (2010), segundo a qual as narrativas

autobiográficas envolvem processos de organização e interpretação da experiência, através dos quais os acontecimentos são relacionados e integrados numa representação mais ampla do percurso de vida.

A forma como estas experiências são mobilizadas nas narrativas é particularmente relevante para compreender a construção narrativa do *self* durante a adolescência. Os adolescentes não se limitam a reproduzir acontecimentos ou relações familiares, mas selecionam e organizam determinados elementos da experiência, atribuindo-lhes significado a partir da sua perspetiva atual. Neste sentido, as referências familiares podem ser compreendidas como recursos narrativos através dos quais determinadas experiências relacionais são incorporadas na interpretação do percurso pessoal. Esta leitura é coerente com McLean et al. (2010), que salientam a importância das narrativas autobiográficas para a construção do sentido de identidade, e com Branje (2022), que enquadra o desenvolvimento identitário na adolescência num processo marcado pela articulação entre individuação, autonomia e contextos relacionais. Também os trabalhos de Braga (2013) e Teixeira (2014), ao evidenciarem a organização temporal, a coerência estrutural e a seleção de conteúdos nas narrativas autobiográficas, contribuem para sustentar a compreensão da narrativa como uma forma organizada de construção e representação da experiência pessoal.

Nesta perspetiva, os resultados permitem compreender a narrativa de vida como um processo simultaneamente interacional e interpretativo. O entrevistador contribui para a organização das condições discursivas em que a narrativa se desenvolve, mas é o adolescente que, através das suas respostas, seleção de acontecimentos e atribuição de significado, participa ativamente na construção da versão narrativa da própria vida. As referências às figuras parentais e familiares emergem, neste contexto, como componentes situadas do discurso autobiográfico, podendo assumir diferentes significados consoante os acontecimentos narrados e a posição que ocupam na interpretação do percurso pessoal. A articulação entre os resultados do presente estudo e a literatura sobre *scaffolding* e organização das narrativas autobiográficas (Silva, 2013; Braga, 2013; Teixeira, 2014), bem como sobre a construção narrativa da experiência autobiográfica (Habermas et al., 2010; Almeida, 2017), reforça uma conceção da narrativa de vida enquanto produção co-construída, na qual interação, experiência autobiográfica e interpretação pessoal se encontram continuamente relacionadas.

Conclusão

Os resultados permitem compreender a narrativa de vida na adolescência como um processo simultaneamente interacional e interpretativo. O *scaffolding* do entrevistador mostrou-se relevante na continuidade, clarificação e elaboração dos conteúdos narrados, enquanto as referências parentais e familiares emergiram associadas a diferentes experiências de infância e da adolescência e significados, integrando-se na interpretação do percurso pessoal e na construção narrativa do *self*. Esta articulação é coerente com McLean et al. (2010) e Branje (2022), ao situar a construção narrativa do *self* na relação entre experiência autobiográfica, processos de individuação e contextos relacionais.

A utilização do *Life Narrative Co-Construction Analysis Manual* (LNCCAM; Habermas et al., 2020), aplicado à *Co-construction Life Narrative Interview with Adolescents* (CLNIA), permitiu uma análise sistemática da dimensão interacional da co-construção narrativa e do efeito do *scaffolding* nos elementos narrativos produzidos. Complementarmente, a análise de conteúdo de Bardin (2016), possibilitou aprofundar a emergência e os significados atribuídos às referências parentais e familiares, afirmando-as como constituintes do *self* narrativo. A articulação destes procedimentos constitui um contributo metodológico do estudo, ao permitir abordar dimensões complementares da narrativa sem as reduzir a um único modelo analítico.

Os resultados devem, contudo, ser interpretados à luz do carácter exploratório da investigação e das características da amostra, constituída por apenas dez adolescentes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos. A componente quantitativa assumiu uma função descritiva e exploratória e a análise de conteúdo das referências parentais e familiares exploratória, ainda sem um sistema de validação e aprofundado enquadramento concetual. Assim, os dados não permitem generalização estatística, inferências causais ou conclusões sobre qualidade das relações familiares ou efeitos destas experiências no desenvolvimento identitário.

Apesar destas limitações, o estudo oferece uma base relevante para o aprofundamento da investigação sobre a co-construção das narrativas de vida na adolescência. Estudos futuros poderão explorar de forma mais sistemática a relação entre as intervenções do entrevistador e as respostas narrativas subsequentes, bem como analisar estes processos em amostras maiores e mais diversificadas quanto ao género, idade e contextos familiares e socioculturais. Abordagens longitudinais poderão ainda permitir

acompanhar a transformação da organização e interpretação das experiências autobiográficas ao longo da adolescência.

Em síntese, o principal contributo deste estudo reside na articulação entre a dimensão interacional da narrativa e a forma como experiências relacionais significativas são mobilizadas e interpretadas pelo adolescente. Ao diferenciar metodologicamente o *Scaffolding* das referências parentais e familiares, a investigação oferece uma abordagem que poderá ser aprofundada e ampliada em estudos posteriores, contribuindo para uma compreensão mais integrada da narrativa de vida como espaço de co-construção, elaboração autobiográfica e produção de significado.

Referências

Almeida, M. A. C. (2017). *Impacto do scaffolding nas narrativas de vida das crianças: Manual de análise da interação narrativa* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Almeida, M., Salomé, F., & Henriques, M. R. (2026). Integrating co-constructive life narrative interview into therapy: A case study of an adolescent with depressive symptoms. *Counselling and Psychotherapy Research, 26*. https://doi.org/10.1002/capr.70169

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). Basic Books. (Original work published 1969)

Braga, E. B. (2013). *Conhecimento autobiográfico de crianças a viver em instituição: Macroestrutura temporal nas suas narrativas de vida* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Branje, S. (2022). Adolescent identity development in context. *Current Opinion in Psychology, 45*, Article 101286. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.11.006

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press. https://doi.org/10.4159/9780674028845

Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In T. Husen & T. N. Postlethwaite (Eds.), *International encyclopedia of education* (2nd ed., Vol. 3, pp. 1643–1647). Elsevier.

Bruner, J. (2004). Life as narrative. *Social Research, 71*(3), 691–710. https://doi.org/10.1353/sor.2004.0045

Chen, Y., McAnally, H. M., & Reese, E. (2013). Development in the organization of episodic memories in middle childhood and adolescence. *Frontiers in Behavioral Neuroscience, 7*, Article 84. https://doi.org/10.3389/fnbeh.2013.00084

Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. W. W. Norton.

Fivush, R. (1998). The stories we tell: How language shapes autobiography. *Applied Cognitive Psychology, 12*(5), 483–487. https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0720(199810)12:5<483::AID-ACP531>3.0.CO;2-T

Fivush, R. (2008). Remembering and reminiscing: How individual lives are constructed in family narratives. *Memory Studies, 1*(1), 49–58. https://doi.org/10.1177/1750698007083888

Fivush, R. (2011). The development of autobiographical memory. *Annual Review of Psychology, 62*, 559–582. https://doi.org/10.1146/annurev.psych.121208.131702

Fivush, R., Habermas, T., Waters, T. E. A., & Zaman, W. (2011). The making of autobiographical memory: Intersections of culture, narratives and identity. *International Journal of Psychology, 46*(5), 321–345. https://doi.org/10.1080/00207594.2011.596541

Grusec, J. E. (2011). Socialization processes in the family: Social and emotional development. *Annual Review of Psychology, 62*, 243–269. https://doi.org/10.1146/annurev.psych.121208.131650

Habermas, T., & Bluck, S. (2000). Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin, 126*(5), 748–769. https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.5.748

Habermas, T., Fröhlich, A., & Diel, V. (2007). *Autobiographical reasoning from late childhood to early adulthood: The Autobiographical Reasoning Interview* [Unpublished manuscript]. Department of Psychology, University of Frankfurt am Main.

Habermas, T., Henriques, M., Almeida, M., Kuhn, M., & Mende, F. (2020). *Life narrative co-construction analysis manual* [Manual não publicado]. Universidade do Porto; Goethe-Universität Frankfurt.

Habermas, T., Negele, A., & Brenneisen Mayer, F. (2010). "Honey, you're jumping about"—Mothers' scaffolding of their children's and adolescents' life narration. *Cognitive Development, 25*(4), 339–351. https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2010.08.004

Haden, C. A., Haine, R. A., & Fivush, R. (1997). Developing narrative structure in parent–child reminiscing across the preschool years. *Developmental Psychology, 33*(2), 295–307. https://doi.org/10.1037/0012-1649.33.2.295

Henriques, M., Ribeiro, C., & Saraiva, P. (2009). *Life Narrative Interview for Children* [Unpublished manuscript]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

McAdams, D. P. (1988). *Power, intimacy, and the life story: Personological inquiries into identity*. Guilford Press.

McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. W. Morrow.

McAdams, D. P. (2011). Narrative identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 99–115). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7988-9_5

McLean, K. C., Breen, A. V., & Fournier, M. A. (2010). Constructing the self in early, middle, and late adolescent boys: Narrative identity, individuation, and well-being. *Journal of Research on Adolescence, 20*(1), 166–187. https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00633.x

Muylaert, C. J., Sarubbi, V., Gallo, P. R., Rolim Neto, M. L., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: Um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 48*(spe2), 184–189. https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (6.ª ed.). Edições Sílabo.

Reese, E., Chen, Y., Jack, F., & Hayne, H. (2010). *Emerging Life Story Interview (ELSI)* [Interview protocol].

Silva, S. C. R. (2013). *O andaime na produtividade e qualidade das narrativas de vida de crianças em instituição* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Teixeira, D. N. (2014). *Produção de narrativas autobiográficas em crianças com percursos de vida típicos e atípicos: Coerência estrutural, produtividade e temáticas* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: Development of higher psychological processes*. Harvard University Press.

Wood, D., Bruner, J. S., & Ross, G. (1976). The role of tutoring in problem solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 17*(2), 89–100. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1976.tb00381.x

Zaman, W., & Fivush, R. (2013). Stories of parents and self: Relations to adolescent attachment. *Developmental Psychology, 49*(11), 2047–2056. https://doi.org/10.1037/a0032023

Apêndices

Apêndice A

Caracterização sociodemográfica: frequência absoluta e relativa

	n	%
Ano de escolaridade		
11.º ano	5	50.0
12.º ano	5	50.0
Curso/Área a frequentar pelo participante		
Ciências e Tecnologias	6	60.0
Ciências Socioeconómicas	1	10.0
Línguas e Humanidades	3	30.0
Escolaridade do Pai		
6.º ano	3	30.0
9.º ano	3	30.0
11.º ano	1	10.0
12.º ano	2	20.0
Mestrado	1	10.0
Escolaridade da Mãe		
4.º ano	1	10.0
9.º ano	2	20.0
12.º ano	4	40.0
Bacharelato/Licenciatura	2	20.0
Mestrado	1	10.0
Profissão do Pai		
Carteiro	1	10.0
Eletricista	1	10.0
Empresário	1	10.0
Gestor Comercial	1	10.0
Mecatrónico	1	10.0
Motorista	1	10.0
Oficial Eletricista	1	10.0
Operador Fabril	1	10.0
Robótica	1	10.0
Serralheiro de Moldes	1	10.0
Profissão da Mãe		
Auxiliar de Ação Educativa	1	10.0
Controladora de Calçado	1	10.0
Doméstica	2	20.0
Empresária	1	10.0
Fisioterapeuta	1	10.0

	n	%
Operadora Fabril	2	20.0
Secretária	1	10.0
Trabalhadora por conta própria	1	10.0
Que curso desejarias fazer no Ensino Superior?		
Gostaria de fazer o curso	5	50.0
Ainda estou indeciso/a entre alguns	1	10.0
Ainda não sei	4	40.0
. Gostaria de fazer o curso de:		
Economia	1	20.0
Engenharia de Automação Industrial	1	20.0
Engenharia de Gestão Industrial	1	20.0
Engenharia Informática	1	20.0
Engenharia Mecânica	1	20.0
. Indeciso/a entre:		
Relações Internacionais e Direito	1	---
Problemas de saúde		
Não	9	90.0
Sim	1	10.0
. Se sim, qual?		
Neofobia Alimentar	1	100.0
Diagnóstico feito por psicólogo ou psiquiatra de problemas emocionais		
Não	8	80.0
Sim	2	20.0
Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico atualmente?		
Não	7	70.0
Sim	3	30.0
Medicação psiquiátrica atualmente?		
Não	10	100.0
Frequência em atividades extracurriculares?		
Não	4	40.0
Sim	6	60.0
. Se sim, qual ou quais?		
Andebol	1	16.7
Aulas de guitarra, Karaté, grupo de jovens, aulas de Inglês, teatro	1	16.7
Esgrima	1	16.7
Futebol	1	16.7
Voleibol	1	16.7
Voleibol, aulas de piano	1	16.7
Imagina que a capa do livro tem um título. Que título darias?		
"ajuda."	1	10.0
A vida do P.	1	10.0
Apenas eu. Uma vida bem normal	1	10.0

	n	%
Histórias que na altura não tinham piada	1	10.0
INVISTA	1	10.0
Nascimento do Engenheiro	1	10.0
O mergulho do astronauta	1	10.0
O que é o Amor	1	10.0
Raciocinar	1	10.0
Uma Vida Feliz	1	10.0

Apêndice B

Entrevista de Narrativa de Vida Co-Construída com Adolescente (CLNIA; Almeida & Henriques) | *Co-Construction Life Narrative Interview with Adolescent* (CLNIA; Almeida & Henriques, 2026)

Aquecimento

- Criar um ambiente seguro e acolhedor ao interagir com o adolescente.
- Promover, junto do adolescente, a noção de que é um colaborador ativo na investigação → Apresentação do projeto de investigação e da atividade narrativa.
- Garantir o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos.

I. Narrativa de Vida Espontânea (Habermas, Ehlert-Lerche & Silveira, 2009; Adapt. por Henriques et al., 2019)

"Gostava que me contasses a história completa da tua vida. Pensa nos acontecimentos que viveste desde que nasceste. Podes contar-me os acontecimentos mais importantes e as maiores mudanças. E o que achas que te levou a ser como és. Podes referir coisas que pessoas como eu, que não te conhecem, gostariam de saber sobre ti. Podes também contar-me como é que as tuas experiências ainda são importantes para ti atualmente, e como é que influenciaram o tipo de pessoa que és hoje. Ou seja, o que te levou a ser como és. Esta é a tua história de vida. Não há respostas certas ou erradas. E eu vou-te ouvir sem te interromper, usa o tempo que quiseres, está à vontade."

II. Capítulos de Vida

"Vou-te pedir agora para imaginares a tua vida como se tratasse de uma história num livro. Imagina que a capa do livro tem um título. Que título davas?" (Dar algum tempo ao adolescente para pensar)

"Vamos imaginar, agora, que ele está dividido em partes, em capítulos. Que nome davas a cada uma das partes?" (Deixar o adolescente escrever cada secção dentro do "livro")

"E dentro de cada parte quais seriam os acontecimentos mais importantes?" (Distribuir um papel para que escrevam os acontecimentos)

III. Narrativa de Vida Co-Construída

"A atividade que te vou propor é uma espécie de conversa acerca da história da tua vida. Vou pedir para que me contes a tua história desde o nascimento, falando-me de acontecimentos significativos da tua vida, experiências que foram marcantes para ti, positivas ou negativas, e de que modo foram importantes para tu seres como és. Para isso, vou-te pedir que comeces por procurar lembrar-te das várias coisas que já aconteceram na

tua vida, dando-te tempo para deixar esses acontecimentos do passado recente ou de há muito tempo virem à tua memória, e depois, pensando na tua vida como se fosse um filme, e que construas uma história da tua vida o mais completa possível. Gostava então que me contasses a história completa da tua vida, incluindo as experiências importantes que te forem vindo à memória, e como é que elas influenciaram o tipo de pessoa que és hoje. Ou seja, o que te levou a ser como és. Esta linha vai representar o tempo e vou pedir que andando ao longo dela, vás então contando a tua história. Peço-te que vás contando a tua história e de cada vez que te surgir a memória de um acontecimento especialmente significativo, pares e coles um destes autocolantes na linha, enquanto o descreves com detalhe. Aqui tens autocolantes para colar na tua linha de vida quando estás a falar de um acontecimento em particular. Eu, além de te ouvir atentamente, poderei, às vezes, colocar-te algumas perguntas que te ajudem a lembrar e a descrever mais detalhadamente os acontecimentos ou as suas influências na pessoa que és. Queres fazer alguma pergunta? Achas que podemos começar?"

Tabela B1

Conteúdos e sugestões de exploração para a narrativa de vida co-construída

Subgrupo / Foco	Exemplos de *prompts*
Contexto, pessoas e circunstâncias	• Onde aconteceu? • Quem estava lá? • Como aconteceu? • O que aconteceu exatamente?
Exploração de emoções e sentimentos	• Se fosses criar uma curta-metragem ou tirar uma fotografia desse momento, o que seria necessário para retratar fielmente o ambiente? • Que emoções surgiram em ti durante o acontecimento? • Houve alguma emoção particularmente forte nesse momento? • Como foi a experiência de sentir isso?
Coerência temporal	• Quando é que aconteceu? • Que idade tinhas? Em que ano de escolaridade andavas? • Em que fase da vida te encontravas? • Lembras-te do que aconteceu inicialmente?

Subgrupo / Foco	Exemplos de *prompts*
Coerência causal-motivacional	• O que aconteceu levou a alguma outra coisa? • Teve algum efeito/consequência? • Essa experiência influenciou quem és hoje? • Provocou alguma mudança em ti enquanto pessoa? • Esse acontecimento foi o motivo de algum tipo de mudança na tua vida? • Sentes que, de alguma forma, te tornaste uma pessoa diferente após esse momento? • Achas que há algo em quem és hoje que se relaciona com o que aconteceu?
Coerência temática	• Ficou alguma lição de vida desse acontecimento que guardes contigo até hoje? • Ajudou-te noutras áreas da tua vida? • Reages frequentemente desta forma? • Em que áreas da tua vida é que esse tipo de reação ou forma de estar é mais comum? • Acreditas que este acontecimento revela um valor pessoal que seja significativo para ti? • Que valores pessoais achas que estão ligados ao que aconteceu? • Que título darias a esta experiência de vida?

Ressonâncias Finais (Habermas, Ehlert-Lerche & Silveira, 2009; Adapt. por Henriques et al., 2019)

"Estás bem? Como foi esta experiência para ti? Há mais alguma coisa que gostarias de acrescentar? Tens alguma dúvida ou preocupação? Muito obrigado(a) por partilhares a tua história."

- Assim que a atividade termina, pergunta-se ao adolescente como foi a experiência, e o(a) entrevistador(a) partilha as suas reflexões sobre aquele momento em conjunto.
- Por fim, o(a) entrevistador(a) demonstra particular sensibilidade para garantir uma transição suave entre o ambiente de co-construção narrativa e a vida quotidiana.

Apêndice C

Life Narrative Co-Construction Analysis Manual (LNCCAM)

Súmula das dimensões analisadas exceto a dimensão 6

1. Modo de Tomada de Turno - Pertence ao domínio da comunicação e da qualidade da interação. Informa se as trocas de fala decorrem de forma harmoniosa.	
Harmonioso	O locutor assume o turno de fala espontaneamente.
Obtém o Turno	O locutor toma o turno de fala após ser questionado ou encorajado.
Interrompe	Um dos locutores interrompe a fala do outro.
Completa	Um dos locutores termina a frase do outro, mesmo que essa conclusão não corresponda à intenção original do primeiro.

2. Reação - Pertence ao domínio da comunicação e da qualidade da interação. Reporta continuidade ou ruturas na interação entre locutores e como cada um é afetado pelas intervenções do outro	
Continuidade natural	O locutor retoma o fio da conversa, continuando em conformidade com o que o outro disse.
Rejeita	O locutor recusa abordar o tema sugerido pelo outro e pode terminar a exploração ou nega a informação
Ignora	O locutor prossegue a sua fala sem reagir à intervenção do outro
Não recorda	O locutor não consegue recordar informação ou factos mencionados.
Corrige	O locutor corrige informação.
Confirma	O locutor valida a informação no enunciado anterior do outro.
Modifica	O locutor confirma a informação, mas introduz algumas alterações.
Surpreende	O locutor demonstra espanto perante a revelação de factos ou informações significativas, desconhecidas para si, narradas no enunciado anterior pelo outro.

3. Intervenção - Pertence ao domínio da comunicação e da qualidade da interação. Explora recursos do diálogo utilizados para promover a produção narrativa do outro locutor	
Metacomunicação	Falas que não incidem sobre o conteúdo da narrativa.

3. Intervenção - Pertence ao domínio da comunicação e da qualidade da interação. Explora recursos do diálogo utilizados para promover a produção narrativa do outro locutor	
Pedido de narrativa	O locutor coloca questões amplas ou convida o outro a elaborar a sua história de vida.
Orientação	Um locutor incita o outro a elaborar a sua história de vida, fornecendo orientações temporais e/ou espaciais.
Questões específicas	O locutor faz perguntas específicas para obter informação adicional sobre o tópico que o narrador está a abordar.
Dá uma pista	O locutor dá uma palavra-chave ou ideia que funciona como pista e ajuda o outro a prosseguir ou completar a sua narrativa
Encorajamento	Um locutor encoraja o outro para o fazer elaborar a narrativa.
Comentário	O locutor faz comentários espontâneos sobre o que foi previamente narrado pelo outro.
Elabora	O co-narrador acrescenta informação ou inicia a narração de um novo tópico, com o propósito de desenvolver a narrativa de vida.
Muda ou termina a narrativa	O narrador e co-narrador altera deliberadamente ou termina a exploração de um tema ou da narrativa.

4. *Âmbito* - Pertence ao domínio do processo e produção narrativa. Distingue entre períodos mais abrangentes de vida e episódios específicos ou factos não narrativos.	
Narrativa de vida	Produções narrativas de história de vida. Inclui reflexões elaboradas sobre períodos amplos de vida.
Evento único	O locutor narra um evento único. A narrativa baseia-se em processos de evocação de memória episódica.
Rotina	O locutor narra hábitos, passatempos ou eventos recorrentes.
Facto	O locutor fornece apenas um facto.

5. Elementos e Processos Narrativos - Pertence ao domínio do processo e produção narrativa. Explora a prevalência e diversidade de componentes ao longo da narrativa e o seu nível de complexidade de raciocínio autobiográfico.	
Descrição do evento	Uma sequência narrativa constituída que seguem uma estrutura temporal e responde à questão fundamental "o que aconteceu?"
Personagens narrativas	Todas as pessoas, além do próprio locutor, mencionadas no conteúdo narrado.
Cenários	Refere-se ao contexto físico onde ocorre o conteúdo narrado.
Circunstâncias	Elementos relativos a circunstâncias que ajudam a contextualizar o evento narrado.
Conteúdo emocional e avaliativo	
Emoções	O locutor fala abertamente dos seus sentimentos ou usa expressões que refletem sentimentos ou estados emocionais e todo o tipo de expressões que sugiram claramente estados e sentimentos.
Avaliações	O locutor usa linguagem de estados internos para exprimir o seu ponto de vista sobre o conteúdo narrado. A expressão tem de conter modos de pensar e julgar.
Metáforas sobre eventos específicos	Comentários em que o narrador usa metáforas para exprimir uma ideia sobre um evento específico ou conteúdo narrado.
Comparações temporais	Comparações entre diferentes períodos de tempo que podem ser passado/presente, dois períodos distintos no passado, passado/futuro, presente/futuro ou futuro/futuro, desde que ordenadas temporalmente.
Reavaliações	Comentários que reavaliam um evento, positivo em vez de negativo ou vice-versa, por o narrador ter aprendido informação adicional ou ganho um novo insight.
Futuro/Desejo	Comentários sobre planos, expetativas, desejos, vontades para o futuro.

5. Elementos e Processos Narrativos - Pertence ao domínio do processo e produção narrativa. Explora a prevalência e diversidade de componentes ao longo da narrativa e o seu nível de complexidade de raciocínio autobiográfico.	
Circunstâncias potencialmente traumáticas	O locutor narra eventos ou detalhes que são, na perspetiva do codificador, potencialmente esmagadores e/ou traumáticos.
Caracterização do self	
Descrição de si	O locutor narra características de personalidade ou valores sem os ligar a quaisquer processos de raciocínio autobiográfico.
Mudanças do self sem razões	O locutor narra mudanças de personalidade ou valores sem conhecer ou referir razões da mudança em termos de processos de raciocínio autobiográfico.
Orientação temporal	
Datando um evento ou período de vida	Datar eventos através da idade, data ou fase de vida.
Sequenciação temporal de diferentes eventos ou períodos de vida	O locutor narra diferentes eventos ou outros elementos narrativos, estruturando-os pela sua ordem temporal
Raciocínio autobiográfico causal-motivacional	
Antecedentes e consequências biográficas	Após narrar um evento ou período de vida, o locutor acrescenta antecedentes e/ou consequências biográficas.
Justificação biográfica de comportamento ou experiência estranhos	O comportamento ou experiência de uma pessoa é explicado com a ajuda de experiências e circunstâncias anteriores na história de vida dessa pessoa, experiências de algum modo extraordinárias, desviantes, carecendo de clarificação.
Influência formativa	Ligar características de um período de vida à formação da personalidade ou dos valores do locutor.
Aprender uma lição	Refere-se a aprender uma lição específica a partir de um evento que pode orientar o comportamento futuro em situações semelhantes. As lições são bastante concretas.

5. Elementos e Processos Narrativos - Pertence ao domínio do processo e produção narrativa. Explora a prevalência e diversidade de componentes ao longo da narrativa e o seu nível de complexidade de raciocínio autobiográfico.	
Evento muda a personalidade ou valores	Uma mudança na personalidade ou valores é relacionada com um evento específico.
Evento oferece insight sobre a própria personalidade ou valores	Um insight sobre si ou sobre os seus valores é revelado por um evento.
Raciocínio autobiográfico temático	
Personalidade ou valores explicam a ação	Descrição de eventos ou ações que são um exemplo típico de, ou são explicadas pela personalidade ou valores do locutor.
A ação é atípica para a personalidade	Uma ação que seja explicada por um traço, personalidade ou valores do locutor, afirmando que uma ação é atípica para o *self*, salvaguardando assim a estabilidade do *self* contra eventos que a perturbem.
Metáforas para o self ou a vida	Descrever padrões típicos de ações/experiências do *self* ou de toda a vida a um nível geral abstrato através de uma metáfora.
Generalização	Insights e realizações universalmente válidos sobre como "o mundo" ou "a vida" funcionam em geral.

6. Valência Implícita - Pertence ao domínio do processo e produção narrativa. Indica a valência emocional e/ou avaliativa dos conteúdos expressos tanto explicita como implicitamente pelo locutor, mas a codificação final baseia-se na impressão geral do codificador.	
Neutra	A apreciação pessoal é neutra e não é expressa qualquer apreciação inteligível, como simplesmente narrar factos.
Positiva	É expressa uma apreciação positiva sobre o tópico atual.
Negativa	É expressa uma apreciação negativa sobre o tópico atual.

6. Valência Implícita - Pertence ao domínio do processo e produção narrativa. Indica a valência emocional e/ou avaliativa dos conteúdos expressos tanto explicita como implicitamente pelo locutor, mas a codificação final baseia-se na impressão geral do codificador.	
Ambivalente	O locutor expressa sentimentos mistos sobre o conteúdo narrado.
Mudança Positiva-Negativa/Neutra	Um conteúdo narrativo apreciado positivamente desenvolve-se de modo que a apreciação passe a neutra ou negativa no final.
Mudança Negativa-Positiva/Neutra	Um conteúdo narrativo apreciado negativamente desenvolve-se de modo que a apreciação passe a neutra ou positiva no final.

Apêndice D

Grelhas individuais com uma análise às referências parentais e familiares dos adolescentes nas narrativas de vida

Um exemplo de uma análise de uma entrevista de como emergem as referências parentais e familiares nas narrativas de vida

P- GOAL

1.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Nascimento e primeiras relações familiares.

Excerto narrativo *F7/E: Os teus pais contaram-te alguma coisa do teu nascimento? Quem é que lá estava? Quem é que te foi visitar? Onde é que foi?*

F8/A: ***"A única coisa que eu sei foi que eu nasci em Santa Maria da Feira e as únicas pessoas que eu penso que me foram visitar foram meus irmãos e avós, tanto a parte do meu pai, como da parte da minha mãe. Mas neste caso, da parte do meu pai, são avós-adotivos, basicamente. E penso que só foram essas mesmas pessoas."***

Figura parental/familiar: Irmãos; Avós maternos; Avós paternos (adotivos); Pai e Mãe (indiretamente).

Palavras-chave: Nascimento e primeiras relações familiares; rede familiar; referências familiares

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, as referências familiares assumem uma função predominantemente descritiva e contextual, permitindo ao adolescente identificar os elementos da sua rede familiar presentes no momento do seu nascimento. O pai e a mãe surgem apenas como marcadores da organização familiar ("lado do pai" e "lado da mãe"), sem lhes ser atribuído um papel específico no acontecimento narrado. Destaca-se a referência espontânea aos avós paternos como figuras adotivas, sugerindo que esta informação é considerada relevante para caracterizar a sua história familiar. Neste momento da narrativa não emergem avaliações emocionais nem reflexões sobre a influência destas figuras no seu percurso de vida.

2.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Perder-se dos pais durante umas férias na infância.

Excerto narrativo:

F11/E: E depois, para onde é que vamos?

F12/A: ***"Eu lembro-me de ter mais ou menos 4 anos, se não estou em erro, e ir para Espanha de férias com uns colegas dos meus pais e nós à noite saímos para jantar fora e dar um passeio também noturno por Espanha. E lembro-me de ver os meus pais atrás de mim e seguir um bocado mais à frente e quando olhei para trás já não tinha reparado que os meus pais tinham desaparecido por completamente. Eu lembro-me de ter andado uma estimativa de 100m para a frente, depois fui mais para trás e vi que tinha uma senhora espanhola, que reparou que eu estava perdido, veio ter comigo e veio perguntar se eu precisava de ajuda. E perguntou se eu sabia ou não o número da minha mãe, só que eu na altura não sabia de cor, ela tinha acabado de trocar de telemóvel. Então voltei para trás, junto com ela, de mão dada. E, entretanto, por acaso achamos os meus pais. Depois, entretanto, fomos comer. O meu pai se chateou-se comigo porque eu tinha desaparecido do mapa, basicamente. Depois fomos ao restaurante comer, acabamos de comer e voltamos ao hotel onde nós estávamos."***

F14/A: ***"Achei um bocado assustado e com medo de que me acontecesse alguma coisa, mas por outro lado, devido à minha inocência, basicamente, eu não estava com aquele receio de me acontecer alguma coisa. Porque assim eu vi uma pessoa de fora e eu dizia assim, ah ele é um amigo, vai me ajudar a encontrar os meus pais, vai me ajudar, por isso."***

F16/A: ***"Quando vi os meus pais fiquei contente, porque eu estava com eles e tê-los achado, neste caso."***

F18/A: ***"Na altura foi um peso em mim neste caso, porque eu não tinha culpa. Eu pensava que eles vinham atrás de mim e de nada pararam, enfim. Mas atualmente, eu entendo realmente o motivo dele me ter dado o sermão, porque assim, sai da beira dos meus pais, tinha 4 anos, é assim que podia-me acontecer mil e uma coisas, podia ter sido raptado."***

F24/A: ***"Eu sinto que foi uma coisa, um peso na cabeça, porque assim, meu pai quando estava a dar me na cabeça, basicamente, eu acabo por ficar com a cabeça pesada, a dizer que eu errei, eu podia não ter ido mais para a frente, podia ter ficado ao lado dos meus pais e estar sempre à beira deles, que não levava raspanete, nesse sentido."***

Figura parental/familiar: Pai e Mãe

Palavras-chave: Perder-se dos pais; medo; proteção parental; reencontro; reflexão sobre a experiência.

Factos, acontecimentos e reflexões: As referências aos pais assumem um papel central neste episódio, sendo descritos como as principais figuras de segurança e proteção durante uma situação de vulnerabilidade vivida na infância. A ausência temporária dos pais é acompanhada por sentimentos de medo e incerteza, enquanto o reencontro é descrito como um momento de alívio e bem-estar.

A mãe surge como referência de contacto, através da tentativa de identificação pelo número de telefone, representando uma figura associada à possibilidade de restabelecer o vínculo de segurança. O pai é recordado sobretudo pela repreensão após o reencontro, inicialmente vivida pelo participante como uma experiência injusta e emocionalmente marcante.

A narrativa permite compreender uma mudança na forma como o adolescente interpreta este episódio. Se, durante a infância, atribuiu à repreensão paterna um significado de injustiça e de uma falta de autocuidado, atualmente revê-a como uma resposta protetora face aos riscos inerentes à situação. Esta reinterpretação/reflexão demonstra uma reorganização do significado inicialmente atribuído ao episódio, integrando simultaneamente a perspetiva infantil e a compreensão desenvolvida na adolescência.

3.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Perder-se dos pais no Shopping aos 6/7 anos.

Excerto narrativo:

F27/E: Queres falar sobre essas semelhanças agora ou preferes guardar para daqui a pouco?

F30/A: ***"Em São João, numa loja de calçados e o senhor que me estava a atender disse para eu dar uma volta a experimentar o sapato. Só que ele veio literalmente à letra a cena de dar uma volta. O que é que eu fui fazer? Fui dar a volta pelo shopping com os sapatos e, entretanto, os meus pais andaram a falar com o segurança. Naquela época estava num ritmo muito grande de haver sequestros de pessoas e depois raparem o cabelo das pessoas, das raparigas, dos jovens e depois desapareceram, porque sem cabelo é uma pessoa diferente. Os seguranças mandaram fechar o shopping e eu estava numa sala de cinema, basicamente porque tinha um tempo atrás, antes de eu ir ver os sapatos, eu tinha dito aos meus pais que queria ver um filme...??? Entretanto, os meus pais encontraram-me, fomos lá outra vez, devolver os sapatos e a minha mãe toda envergonhada.***

Figura parental/familiar: Pai e Mãe

Palavras-chave: Perder-se dos pais; reencontro; proteção parental; segurança; embaraço materno.

Factos, acontecimentos e reflexões: As referências aos pais surgem novamente associadas a uma situação de separação e reencontro, na qual assumem um papel ativo na procura do filho. O acontecimento é descrito num contexto de preocupação face ao desaparecimento de crianças, o que contribui para compreender a mobilização dos pais e dos serviços de segurança do centro comercial.

A mãe é recordada através de embaraço manifestada após o reencontro. Em comparação com o acontecimento anterior, a narrativa centra-se menos na reação emocional do adolescente e mais nas ações desenvolvidas pelos pais para o localizar.

Este acontecimento reforça a representação dos pais que deveriam ser figuras de proteção e segurança durante a infância. No entanto, revela alguma negligência por parte dos pais deixando que o acontecimento se repita. Embora não exista uma reflexão tão elaborada como no acontecimento anterior, a narrativa permite compreender que o reencontro com os pais traz segurança à criança após uma situação potencialmente ameaçadora.

4.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Reflexão sobre os acontecimentos relatados.

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F35/E: Achas que estes dois episódios, este aos 4 e este aos 6, ambos semelhantes, influenciaram algo na pessoa que és hoje?

F38/A: ***"(…) Mas eu agora, por exemplo, atualmente eu já tenho mais cuidados derivados do que o que me aconteceu no passado. Se calhar, por exemplo, se eu tivesse a idade que tenho hoje, eu não iria atrás de alguém para me tentar ajudar na época. E se calhar tentaria procurar os meus pais sozinho ou entraria em contacto com a GNR.??? Penso que conseguiria pedir ajuda, pedir ao segurança para ligar aos meus pais ou algo do género."***

Figura parental/familiar: Pais

Palavras-chave: Reflexão; aprendizagem; proteção parental; autonomia; desenvolvimento.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, as referências aos pais deixam de surgir apenas associadas aos acontecimentos vividos e passam a integrar um processo de reflexão sobre o seu significado. O adolescente utiliza as experiências de

separação vividas na infância para explicar mudanças na forma como acredita que responderia atualmente perante situações semelhantes.

5.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Nascimento da irmã e doença neonatal está associado a um distanciamento dos pais.

Excerto narrativo:

F41/E: E depois?

F42/A: ***"Depois, só lembro mesmo do nascimento da minha irmã, que foi um bocado marcante para mim, porque eu estava no meu 4º ano, tinha os meus 8 anos. E assim como a minha mãe estava grávida??? E como a minha irmã à nascença teve um AVC, eu acabei por sentir um distanciamento da minha mãe e do meu pai porque eles tinham de estar sempre no hospital e estavam sempre preocupados que acontecesse alguma coisa e esse distanciamento acabou por fazer, ser mais frio basicamente para os meus pais porque naquela altura não entendia porque eles estavam a criar um distanciamento de mim e assim como eu era criança isso acabou por afetar-me emocionalmente. (…)"***

F43/E: O que é que tu achas que se deveu estreitar dessa distância?

"(…) eu antigamente eu era, já acho que muito protegido pelos meus avós porque eles, por exemplo, o meu pai batia por eu ter metido a comida ao chão sem querer ou algo do género, os meus avós repreendiam, diziam que ele era mau pai, ou sei o quê, e eu penso que esse também afeta o lado do meu pai, e o meu pai começou a criar uma distância comigo, por causa dos meus avós."

Figura parental/familiar: Pai, Mãe, Irmã e avós.

Palavras-chave: Nascimento da irmã; doença neonatal; distanciamento emocional; disciplina; proteção dos avós; relações familiares.

Factos, acontecimentos e reflexões: As referências aos pais emergem associadas a um período de mudança familiar marcado pelo nascimento da irmã e pela sua condição de saúde. O adolescente descreve que, durante a infância, interpretou a ausência prolongada dos pais como um afastamento emocional, uma vez que não compreendia as exigências associadas ao internamento hospitalar e aos cuidados prestados à irmã.

A narrativa permite compreender que esta experiência é recordada como um momento significativo na relação com ambos os pais, sobretudo com o pai, relativamente ao qual considera persistir uma maior distância emocional. Esta perceção é apresentada como

resultado da forma como viveu e interpretou os acontecimentos naquela fase do seu desenvolvimento.

Paralelamente, os avós surgem como figuras de proteção, intervindo perante as situações em que o pai o repreendia. Estas posições divergentes entre o pai e os avós relativamente à disciplina, poderá ter influenciado a relação entre ambos, segundo relata o adolescente e contribuído para o afastamento paterno.

Este episódio evidencia a coexistência de diferentes figuras familiares com funções distintas na narrativa: os pais associados às responsabilidades e às exigências decorrentes da doença da irmã, o pai enquanto figura disciplinadora e os avós enquanto figuras de proteção e apoio. A reflexão atual do adolescente revela uma tentativa de compreender estas dinâmicas familiares à luz da sua experiência infantil e do significado que lhes atribui no presente.

6.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Aproximação do pai.

Excerto narrativo:

F45/E: Atualmente dizes que essa distância é menor, ou seja, que sentes que já não há tanta distância entre ti e o teu pai. A que é que se deve essa evolução?

F46/A: ***"Se calhar derivado ao meu crescimento também e de eu puxar muitas vezes o meu pai para mexer com carros, carrinhos telecomandados, neste caso, irmos a parques de campismo (…)"***

F48/A: ***"Contribuiu porque ele era frio para mim e eu também comecei a ser muito frio para ele. Porque assim ele tratava a minha irmã como uma princesa neste caso dava-lhe tudo e a mim não me dava tantas coisas na época. E não me tratava como tratava a minha irmã. E acabou também por criar um filho mais frio para ele (…)"***

Figura parental/familiar: Pai e Mãe.

Palavras-chave: Aproximação ao pai; interesses partilhados; vínculo afetivo; tratamento diferencial; relação fraterna.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, o pai surge como uma figura com quem o adolescente procura reconstruir a relação através da partilha de interesses e atividades comuns. Este atribui ao seu próprio crescimento e à iniciativa de promover momentos de convívio um papel importante na diminuição da distância anteriormente sentida entre ambos.

A narrativa evidencia também a perceção de um tratamento diferenciado entre os irmãos durante a infância. O pai demonstrava maior atenção e investimento afetivo na irmã, perceção que associa ao desenvolvimento de uma relação mais fria e emocionalmente distante consigo próprio. Esta interpretação é apresentada como a forma como compreende atualmente a evolução da relação pai-filho. Pois, esta aproximação ao pai não resulta apenas da passagem do tempo, mas também de um esforço deliberado para construir novas experiências de interação. Assim, a narrativa integra simultaneamente a recordação de um período de afastamento emocional e o reconhecimento de uma evolução positiva na relação, evidenciando uma reorganização do significado atribuído à figura paterna ao longo do desenvolvimento.

7.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Momentos de brincadeira com a irmã.

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F49/E: Falaste aqui também do nascimento da tua irmã, como é que foi o nascimento da tua irmã para ti? Já foste falando aqui deste distanciamento dos teus pais, mas como é que é para ti ter uma irmã?

F52/A: ***"(…) Tenho lembranças de estar lá no sofá, da minha sala, com a minha irmã, por exemplo, a assistir um filme, ou quando a lareira está acesa, ou estarmos a brincar com aqueles brinquedos todos de criança (…)"***

F56/A: ***"Lembro-me de assistir muitos filmes com ela, de brincar muito com ela, também."***

Palavras-chave: Relação fraterna; convívio; brincadeira; proximidade; vínculo afetivo.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, a irmã emerge como uma figura de proximidade, companheirismo e partilha, associada a experiências positivas da infância. As memórias evocadas centram-se em momentos quotidianos de convívio e lazer, que o adolescente identifica como significativos na construção da relação fraterna.

Em contraste com acontecimentos anteriores, nos quais o nascimento da irmã foi associado ao afastamento emocional dos pais, a narrativa evidencia uma transformação na forma como esta relação é recordada. A irmã deixa de estar associada apenas ao contexto familiar que originou sentimentos de perda de atenção parental e passa a ser integrada como uma figura com quem o adolescente construiu um vínculo afetivo positivo, marcado pela proximidade e pela partilha de experiências.

A reflexão do participante sugere que, apesar das dificuldades inicialmente associadas ao nascimento da irmã, a relação entre ambos foi evoluindo ao longo do tempo, sendo atualmente recordada através de experiências de afeto, convivência e apoio mútuo. Estas recordações contribuem para uma representação mais positiva da relação fraterna na sua narrativa de vida.

8.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Ameaças exercidas pela prima durante a infância.

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F61/E: Queres marcar aqui o nascimento da tua irmã? Falaste que aqui estavas no 4º ano, quando a tua irmã nasce. Há assim alguma memória, alguma lembrança que tenhas, por exemplo, do teu tempo de escola, de primária?

F62/A: ***"(…) De que, por exemplo, se eu não dissesse x palavras para a professora ou se não fizesse determinada ação que ela queria, partia-me os ossos. Ela fazia o que queria, basicamente. Ela era mais velha na época. Ela estava no 3º, 4º ano mais ou menos, e eu estava no 1º, 2º. Por isso é assim, como ela era mais velha eu acabava por, com medo, de respeitar. Lembro-me de fazer muitas coisas e ser muito castigado por causa disso."***

F64/A: ***"(…) que na época eu tinha medo de contar aos meus pais, porque ela ameaçava-me que se eu contasse, ela matava-me. E também é muito raiva porque eu sou, eu era uma pessoa e ainda continuo a ser uma pessoa que deixa o copo encher (…)"***

Palavras-chave: Ameaças; medo; silêncio; procura de apoio; regulação emocional.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, a prima é descrita como uma figura familiar que exerce uma relação de poder e controlo sobre o adolescente, recorrendo à intimidação e às ameaças para influenciar os seus comportamentos. Este associa esta relação a sentimentos de medo e submissão, justificando a sua dificuldade em contrariar as exigências da prima pela diferença de idade e pela perceção de vulnerabilidade enquanto criança.

Embora os pais não participem diretamente no episódio, surgem como figuras de referência às quais ele poderia recorrer, mas de quem opta por esconder a situação devido ao medo das consequências anunciadas pela prima. A ausência de procura de apoio parental não é atribuída à falta de confiança nos pais, mas à influência exercida pelas ameaças, que condicionavam a sua capacidade para revelar o que estava a acontecer.

A narrativa permite compreender que esta experiência é atualmente interpretada pelo adolescente como tendo influenciado a forma como gere as suas emoções. Ao afirmar que

tende a "(…) deixar o copo encher (…)", estabelece uma relação entre esta vivência e o desenvolvimento de uma estratégia de contenção emocional, caracterizada pela acumulação de sentimentos e pela sua expressão apenas quando atinge o limite da sua tolerância.

9.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Conflito com a mãe na adolescência.

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F63/E: No fundo o que tu estás a dizer é que algumas das asneiras tu ias fazendo devia-se a estas ameaças que a tua prima ia provocar. Como é que foi para ti viver essa época de ameaças e de algum bullying pela tua prima?

F65/E: Queres-me ajudar a perceber o que é esse disparar na pessoa?

F66/A: ***"(…) Mas também lembro-me de ter partido o tablier do carro da minha mãe na época, por causa dessa cena, porque ela perguntou-me 'Então o que é que se passa? Agora dizes palavrões às pessoas, desrespeitas nas visitas de estudo, estas na camioneta e dizes um palavrão, o que é que se passa? Estás a ficar maluco ou quê?!' Já não me lembro muito bem o que é que lhe disse. Mas disse-lhe uma coisa qualquer e ela deu-me uma 'estiva' e eu mandei alto soco no tablier e acabei por partir."***

Figura parental/familiar: Mãe.

Palavras-chave: Conflito; impulsividade; supervisão parental; regulação emocional; relação mãe-filho.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, a mãe surge como uma figura de supervisão e preocupação, procurando compreender as alterações comportamentais observadas no filho e confrontando-o com os seus comportamentos. A interação descrita evidencia uma tentativa de diálogo por parte da mãe, ainda que resulte numa resposta impulsiva do adolescente.

A narrativa sugere que esta reação não é interpretada como um conflito isolado com a figura materna, mas antes como a manifestação de um estado de tensão emocional que vinha acumulando ao longo do tempo. Esta interpretação articula-se com o acontecimento anterior, no qual descreve as ameaças exercidas pela prima e a dificuldade em expressar o que sentia.

Embora a mãe seja a figura diretamente envolvida neste acontecimento, o adolescente não lhe atribui a origem da sua reação. Pelo contrário, apresenta-a como a pessoa que procura perceber o que estava a acontecer, enquanto a sua resposta impulsiva é compreendida, retrospetivamente, como consequência da dificuldade em comunicar e

regular as emoções acumuladas. Esta reflexão evidencia a forma como ele integra diferentes experiências familiares na explicação do seu comportamento e do significado que atualmente lhes atribui.

10.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Consequências das ameaças vividas na infância.

Excerto narrativo/Descrição do episódio: (…)

F69/E: Pelo que eu percebi, tu não contavas o que estava a acontecer, certo? E a tua mãe também não conseguia entender e, portanto, que questionava-te muito e fazia-te aqui alguma pressão. Que significado é que isto teve para ti?

F70/A: ***"(…) Acabei por ser muito frio na questão do passado, com o que aconteceu com a minha prima. (…)***

Figura parental/familiar: Prima.

Palavras-chave: Reflexão; consequências emocionais; relações interpessoais; reserva emocional; construção pessoal.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, a prima continua a surgir como a principal figura familiar associada às experiências de ameaça vividas durante a infância. O adolescente estabelece uma relação entre essas vivências e a forma como atualmente descreve o seu funcionamento emocional e relacional, considerando que se tornou uma pessoa mais reservada e cautelosa nas relações com os outros.

Ao contrário dos acontecimentos anteriores, o foco deixa de estar centrado na descrição das situações vividas e passa para a reflexão sobre as suas consequências. A narrativa sugere que integra essas experiências na compreensão que constrói sobre si próprio, atribuindo-lhes influência na forma como gere as emoções e estabelece relações interpessoais. Este acontecimento evidencia, assim, um processo de atribuição de significado às vivências passadas.

11.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Situações de *bullying* e violência com colegas.

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F77/E: Portanto, estamos aqui na primária… e depois para onde vamos?

*F78/A: "****Vamos para o 5º ano, mais ou menos. Foi onde eu apanhei um diretor de turma altamente (…) Eu na época também sofri bullying de um colega meu, andou a atirar-me pedras à cabeça. Fazia-me 30 por uma linha, basicamente. Não se tratava de***

fazer ameaças, como a minha prima fazia, de morte. Mas fazia me bullying físico basicamente. Lembro-me de ele me dizer muitas vezes 'quando estiveres lá fora, a minha mãe está lá à espera para falar contigo'. Sempre com aquele tipo de ameaças. Eu ignorava basicamente. Mas afetava-me um bocado psicologicamente no período em que eu saia da escola. Entretanto, mais para a frente, por volta do 7º ano (…) partiu-me os óculos. E eu disse 'tu vais pagar, eu não vou pagar, porque tu é que partiste os óculos' e ele começou a dizer 'eu vou contar à minha mãe, tu andas a mentir e não sei o quê'. Lembro-me também que na altura tinha-me partido um guarda-chuva. E eu comentei com os meus pais (…); Na época, foi o auge do Fortnite, e o meu colega estava do outro lado da estrada e ele começou a me fazer isto na brincadeira (fez o gesto), e eu virei-me e fiz-lhe também... Era assim o símbolo de ameaça de cortar o pescoço, basicamente. E no momento em que eu fiz, por um mero azar neste caso, a mãe desse meu colega e ele passaram. E o que é que aconteceu? Estávamos já todos fora da escola, mas enfim. E ele foi fazer queixinhas ao diretor de turma a dizer que eu tinha ameaçado a morte (…)

F80/A: ***"Os meus pais sempre me educaram que eu não poderia bater (…) mas também me diziam muito que eu tenho que me proteger (…)"***

Figura parental/familiar: Pais e avós

Palavras-chave: Bullying; proteção parental; apoio familiar; transmissão de valores; autorregulação emocional.

Factos, acontecimentos e reflexões: O adolescente recorda experiências de ***bullying* físico e de intimidação durante a escolaridade**, descrevendo situações de ameaça, agressão e conflito com um colega. Neste contexto, surge a referência aos **pais como figuras de orientação educativa**, salientando que estes lhe transmitiram, por um lado, a regra de **não responder à agressão através da violência física** e, por outro, a necessidade de **se proteger perante situações de ameaça ou conflito**. A referência parental assume, assim, uma função de **orientação e educação**, associada à transmissão de valores e de estratégias de comportamento perante situações adversas. O excerto evidencia ainda uma possível articulação entre as aprendizagens transmitidas pelos pais e a forma como o adolescente interpreta e posiciona o seu próprio comportamento perante os conflitos.

12.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Desenvolvimento de estratégias de proteção face ao *bullying.*

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F81/E: Que estratégias é que tu fostes usando, ou que valores que tu já fostes adquirindo, ou que experiências é que tu fostes tendo na tua vida, que te foram ajudando a lidar melhor com esta fase?

F82/A: ***"(…) Entretanto eu também comecei a ter telemóvel, comecei a mandar mensagem à minha mãe para a avisar, 'olha X situação está-se a passar, se ele continuar, eu daqui um bocado eu passo-me dos carretos e dou-lhe um soco', e é isso."***

Figura parental/familiar: Mãe

Palavras-chave: Apoio parental; suporte emocional; autorregulação; procura de ajuda; proteção.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, a mãe emerge como a principal figura de confiança e suporte emocional perante situações de conflito vividas pelo adolescente. A comunicação através das mensagens revela uma procura ativa de apoio parental antes da ocorrência de uma reação impulsiva, demonstrando que reconhece na mãe uma pessoa disponível para o ouvir e apoiar.

A narrativa sugere que o contacto com a mãe funciona como uma estratégia de autorregulação emocional, permitindo-lhe verbalizar o que está a sentir antes de agir. Ao partilhar antecipadamente a possibilidade de perder o controlo, o adolescente demonstra consciência das suas emoções e procura recorrer ao apoio materno como forma de gerir situações de elevada tensão.

Este acontecimento evidencia igualmente uma evolução na relação com a figura materna. A mãe assume também um papel de suporte emocional e de mediação, sendo procurada espontaneamente pelo adolescente como recurso para enfrentar situações de adversidade.

13.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Desenvolvimento de estratégias de proteção face ao *bullying.*

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F83/E: (...) O que significa o teu avô para ti?

F84/A: ***"É uma pessoa importante (Avô), é uma pessoa que sempre me apoiou em tudo. Sempre teve ao meu lado e eu também sempre tive ao lado dele, claro. Sempre nos ajudamos um ao outro, basicamente."***

Figura parental/familiar: Avô

Palavras-chave: Avô; suporte afetivo; apoio; reciprocidade; vínculo familiar.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, o avô emerge como uma figura de forte suporte afetivo e relacional na vida do adolescente. A narrativa atribui-lhe um papel de presença constante, disponibilidade e apoio, sendo descrito como alguém em quem o adolescente reconhece confiança e segurança ao longo do seu desenvolvimento.

Ao contrário de outros acontecimentos, em que o avô surge associado à proteção perante situações de conflito, neste momento a referência centra-se na qualidade da relação construída entre ambos. O adolescente destaca a reciprocidade do vínculo, referindo que o apoio não é apenas recebido, mas também retribuído, evidenciando uma relação marcada pela proximidade e pelo compromisso mútuo.

A forma como descreve esta relação sugere que o avô ocupa um lugar significativo na sua rede familiar, funcionando como uma figura de estabilidade e suporte emocional. Esta representação complementa as referências anteriormente feitas ao avô, reforçando a consistência do papel que lhe é atribuído ao longo da narrativa de vida.

14.º Acontecimento:

Acontecimentos e referências: Aprendizagens positivas com o avô.

Excerto narrativo/Descrição do episódio:

F85/E: Aprendeste algo com o teu avô?

F86/A: ***"Aprendi tanto coisas boas, como, entre aspas, coisas más, basicamente. Por exemplo, eu aprendi muito com o meu avô a autodefender, não posso simplesmente ignorar (…)"***

Figura parental/familiar: Avô.

Palavras-chave: Aprendizagens familiares; transmissão de valores; autodefesa, reflexão crítica.

Factos, acontecimentos e reflexões: Neste acontecimento, o avô é representado como uma figura educativa que exerceu uma influência significativa na transmissão de valores e estratégias para se defender.

De referir que a narrativa evidencia uma reflexão crítica sobre essas aprendizagens. Ao afirmar que aprendeu "(…) coisas boas (…)" e "(…) entre aspas, coisas más (…)", o adolescente demonstra que reavalia atualmente os ensinamentos recebidos, distinguindo aqueles que considera úteis daqueles cuja aplicação poderá ser menos adequada em

determinados contextos. Esta reflexão revela um processo de elaboração pessoal dos valores transmitidos no contexto familiar.

O acontecimento sugere que o adolescente reflete sobre os modelos educativos recebidos. Assim, o avô emerge não apenas como uma figura de apoio afetivo, mas também como uma referência importante na transmissão de valores que o participante procura interpretar e adaptar ao longo do seu desenvolvimento.

Através da análise individual das dez entrevistas, procedeu-se ao resumo por participante, tal como está descrito abaixo.

Resumo das grelhas individuais

P1-GOAL

A narrativa de GOAL evidencia uma mobilização frequente e diversificada de figuras familiares, distribuída entre a infância e a adolescência. Foram identificados 14 momentos/episódios com referências familiares, envolvendo sobretudo o pai, a mãe, a irmã, os avós e uma prima. Na infância, estas referências surgem associadas a acontecimentos marcantes, incluindo situações de vulnerabilidade, como dois episódios em que se perdeu dos pais e no reencontro foi recebido com zanga do pai e desprezo da mãe, o nascimento e doença da irmã em que sentiu que os pais se distanciaram dele e a experiência de intimidação por parte de uma prima pouco mais velha, na escola onde andavam. Os pais são inicialmente representados como figuras de proteção e segurança, enquanto os avós assumem funções de apoio e proteção perante situações de disciplina. Particularmente relevante é a reinterpretação atual da repreensão paterna, inicialmente vivida como injusta, mas posteriormente compreendida como expressão de preocupação. A mãe individualmente está praticamente ausente do relato e quando surge é com um acontecimento negativo de imposição agressiva de limites, enquanto o pai surge bastante vezes e é contado um movimento intencional do adolescente de se aproximar aos seus interesses e a relação ter evoluído. O nascimento da irmã é recordado pela perda temporária da atenção parental e pelo afastamento dos pais durante a hospitalização. Posteriormente, a relação fraterna parece ter adquirido uma valência positiva, associada a proximidade e companheirismo. A experiência com a prima é igualmente significativa, sendo posteriormente essa experiência muito negativa da infância relacionada pelo adolescente com a sua atual tendência para conter emoções e acumular sentimentos.

A elaboração reflexiva é particularmente elevada quando GOAL procura compreender a influência dessas experiências na pessoa que é atualmente. As referências

familiares são, assim, integradas numa representação do *self* marcada pela cautela, contenção emocional, capacidade de pedir ajuda, autorregulação, autonomia e reconstrução dos vínculos.

P 2-GOBR

A narrativa de vida de GOBR apresenta uma presença familiar mais circunscrita, com quatro momentos/episódios centrados sobretudo nos pais. As referências distribuem-se entre a infância e a adolescência e relacionam-se principalmente com escolhas pessoais, percurso escolar e evolução da comunicação familiar. Na infância, a decisão parental de substituir a sua preferência pelo futebol pela prática de hóquei é vivida de forma ambivalente: embora reconheça a preocupação dos pais e os benefícios da experiência, mantém algum descontentamento por não ter podido escolher a modalidade desejada. Este episódio origina uma das reflexões mais elaboradas da narrativa, na qual o adolescente reconhece simultaneamente a limitação imposta, a necessidade de adaptação e a sua capacidade de encontrar alternativas. A mãe surge também associada às dificuldades escolares, assumindo uma função de acompanhamento e orientação que contribui para a melhoria do desempenho, embora GOBR reconheça igualmente a própria responsabilidade pelo reduzido investimento. Na adolescência e no presente, os pais são sobretudo mobilizados para caracterizar uma aproximação recente e uma maior abertura emocional. O adolescente relaciona esta transformação com o desenvolvimento da capacidade de expressar sentimentos, inicialmente limitada, e com a influência de experiências relacionais posteriores. Não se identificam acontecimentos familiares de elevada intensidade negativa; predominam experiências quotidianas de orientação, apoio e desenvolvimento, com maior ambivalência no episódio desportivo e sempre relacionadas com os pais, sem envolver outros familiares. A elaboração reflexiva concentra-se em momentos específicos, sobretudo quando GOBR procura compreender as consequências das experiências familiares no seu percurso. A família surge, assim, articulada com a construção de um *self* caracterizado pela capacidade de adaptação, responsabilização, autonomia e progressiva abertura emocional.

P 3-GUHE

A narrativa de GUHE é fortemente marcada pela perda, reorganização familiar e afastamento paterno. Nos seis episódios analisados, foram identificadas 14 ocorrências de figuras familiares, destacando-se o pai, presente em cinco episódios, a mãe em quatro, a irmã em três e os avós paternos em um episódio cada. O falecimento do avô paterno introduz a dimensão da perda e da continuidade familiar, sendo a memória dessa figura preservada sobretudo através das narrativas transmitidas pela família. O pai surge inicialmente

associado a interesses partilhados, particularmente o desporto, mas assume posteriormente centralidade pela experiência de separação e ausência. O divórcio dos pais e o progressivo afastamento paterno constituem o principal núcleo da narrativa familiar, contrastando memórias positivas de proximidade com o pai com a experiência posterior de perda dessa relação. A ausência paterna é progressivamente reinterpretada pelo adolescente como experiência relacionada com o desenvolvimento da autonomia e com a necessidade percebida de assumir responsabilidades perante a mãe e a irmã. A expressão "ser o homem da casa" é particularmente significativa, pois é articulada com a contenção das próprias emoções e com a preocupação em proteger os outros. A ausência do pai é ainda relacionada com a dificuldade inicial em compreender o amor e com a construção posterior de representações sobre as relações afetivas. A mãe e a irmã surgem sobretudo no contexto da reorganização familiar e da preocupação com o seu sofrimento, enquanto os avós asseguram uma dimensão de memória e continuidade. A valência das referências é predominantemente ambivalente, combinando proximidade, pertença e memórias positivas com perda, ausência e sofrimento. A elaboração reflexiva torna-se mais evidente quando GUHE transforma acontecimentos familiares inicialmente pouco elaborados em explicações sobre a sua autonomia, expressão emocional, responsabilidade e conceção das relações afetivas. A família constitui, assim, um eixo central da construção narrativa do *self*, sobretudo através da experiência de presença e ausência paterna.

P4-HUFE

Na narrativa de HUFE, identificam-se nove acontecimentos com referências a figuras familiares, sobretudo durante a infância, mas também na adolescência e nas projeções relativas ao futuro. A avó assume particular centralidade como figura educativa e posteriormente como modelo de comportamento, enquanto a mãe surge associada à orientação, estabelecimento de limites e apoio; o pai aparece sobretudo de forma contextual e o irmão ganha relevância nas experiências mais recentes. Nas referências o adolescente parte de uma experiência concreta, ter sido repreendido pela mãe e ter ficado triste e passa progressivamente para uma análise retrospetiva das suas experiências. A expressão "Olhar para trás para procurar respostas?" evidencia uma estratégia de reflexão autobiográfica através da qual o adolescente procura compreender possíveis relações entre acontecimentos passados e características que reconhece no presente.

A partir desta reflexão, recupera a experiência relacionada com o medo da comida e estabelece uma possível ligação com o medo de mudanças e de situações novas, bem como com a forma como se relaciona com os outros. Assim, o 4.º acontecimento é particularmente

importante, porque permite observar não apenas a referência às figuras parentais, mas também como o adolescente utiliza diferentes experiências da sua história para procurar compreender quem é no presente. A articulação com o *self* manifesta-se ainda na reflexão sobre autonomia, receio perante situações novas, preocupação com os outros e definição de objetivos próprios.

Nos episódios mais recentes, observa-se uma progressiva autonomização, em que a família permanece como referência e contexto de aprendizagem, mas o adolescente afirma as suas próprias escolhas e projetos. A narrativa evidencia, assim, uma articulação entre continuidade das aprendizagens familiares e diferenciação pessoal, particularmente expressiva na afirmação de querer "fazer o meu próprio rumo".

P5 JOCA

A narrativa de JOCA apresenta uma presença familiar relativamente circunscrita, com quatro episódios sobretudo ao avô, à mãe e ao pai. O avô paterno, embora tenha falecido antes do nascimento do adolescente, assume relevância enquanto figura de legado familiar, conhecida através das histórias transmitidas pela família. As primeiras memórias da infância são predominantemente positivas, enquanto o divórcio dos pais constitui o acontecimento familiar de maior carga emocional, associado a tristeza, confusão e angústia. A eventual traição paterna é apresentada como uma suspeita do próprio adolescente, não como facto estabelecido. A elaboração reflexiva é mais reduzida nas memórias iniciais e aumenta quando o adolescente procura atribuir significado às experiências familiares. O avô é integrado como figura simbólica e como possibilidade de influência no desenvolvimento que poderia ter tido, enquanto o divórcio é reinterpretado como experiência que contribuiu para o crescimento, maturidade e independência. A referência ao pai surge posteriormente de forma mais contextual. As referências familiares combinam experiências positivas, perda e rutura, mas assumem um peso interpretativo significativo quando são mobilizadas para compreender transformação pessoal, autonomia e construção do *self*.

P6 PEBA

Na narrativa de PEBA, identificam-se quatro acontecimentos com referências familiares, correspondendo a sete ocorrências específicas: quatro à mãe e três ao pai. Não emergem referências significativas a outros familiares, pelo que a narrativa se centra essencialmente nas figuras parentais. Estas são mobilizadas perante situações de dificuldade ou vulnerabilidade, nomeadamente durante a pandemia, perante dificuldades escolares, no percurso desportivo e numa experiência de hospitalização. A mãe assume uma função particularmente diversificada, associada a apoio, orientação, proteção e mediação, enquanto

o pai surge sobretudo como figura de apoio e presença conjunta com a mãe. As experiências apresentam uma valência predominantemente positiva. Os pais são representados como recursos perante as dificuldades, embora a experiência desportiva introduza alguma ambivalência, uma vez que a proteção materna inicialmente limita uma escolha desejada pelo adolescente, conduzindo posteriormente a uma experiência valorizada. Não se identificam acontecimentos familiares claramente traumáticos. A elaboração reflexiva é moderada, tornando-se mais evidente quando PEBA relaciona o apoio parental com a sua própria capacidade de comunicar dificuldades, persistir perante objetivos e enfrentar situações receadas. Assim, os pais surgem inicialmente como figuras externas de apoio e regulação, mas as experiências narradas são progressivamente integradas numa representação do *self* marcada pela autorregulação, procura de ajuda, persistência e desenvolvimento da autonomia.

P7 PEXA

Em PEXA, identificam-se três episódios com referências familiares, associados sobretudo a processos de educação, transmissão de valores e construção identitária. Os pais surgem como contexto educativo na aprendizagem da responsabilidade e das consequências dos próprios comportamentos, sendo as práticas parentais representadas de forma predominantemente positiva. O pai é mobilizado para refletir sobre características pessoais e modelos de masculinidade, enquanto a família, de forma mais abrangente, é associada ao desenvolvimento de uma postura de questionamento, reflexão e pensamento crítico. As referências apresentam valência predominantemente positiva e não são identificados acontecimentos familiares traumáticos ou marcadamente negativos. A elaboração reflexiva é elevada, uma vez que o adolescente procura distinguir entre aquilo que recebeu da família e aquilo que posteriormente construiu por si próprio. A influência familiar é, assim, entendida como base, e não como determinação, do desenvolvimento pessoal. Os valores e modos de pensamento associados à família são apropriados, reinterpretados e integrados numa representação do *self* caracterizada pela responsabilidade, abertura, pensamento crítico e orientação para a intervenção social e ajuda aos outros. PEXA apresenta, deste modo, uma configuração particular, em que a família funciona sobretudo como contexto de transmissão e transformação reflexiva de valores.

P8 RECA

Em RECA, identificam-se quatro episódios com referências parentais e familiares, abrangendo experiências da infância e adolescência. As referências surgem inicialmente associadas a acontecimentos concretos, mas adquirem progressivamente significado

reflexivo. A mãe é mobilizada como fonte de informação sobre o nascimento e como figura de mediação e orientação, enquanto a avó assume uma função educativa. Na adolescência, a queda de moto-quatro constitui um episódio particularmente significativo, ao colocar em tensão o limite estabelecido pela mãe e a decisão do próprio adolescente. A experiência é posteriormente relacionada com a antiga rebeldia e com uma tendência para agir impulsivamente. A mudança de casa, por sua vez, é interpretada positivamente e permite ao adolescente reconhecer nos pais modelos de esforço e persistência. As referências apresentam valência globalmente positiva, embora alguns episódios revelem ambivalência perante os limites parentais. Não são identificados acontecimentos familiares claramente traumáticos. A elaboração reflexiva é moderada a elevada, sobretudo quando o adolescente estabelece relações entre experiências passadas e características atuais. As figuras familiares deixam, assim, de funcionar apenas como participantes nos acontecimentos e passam a constituir fontes de aprendizagem e modelos para a construção do *self*. Destaca-se particularmente a apropriação dos valores associados aos pais, nomeadamente o esforço e a persistência, bem como a capacidade de reconhecer e refletir sobre características pessoais como a impulsividade.

P9 RORE

A narrativa de RORE apresenta uma mobilização frequente das figuras familiares, com nove episódios e 15 ocorrências individualizadas: o pai surge em seis episódios, a mãe em cinco, a irmã em dois e o avô em dois. As referências distribuem-se entre experiências da infância, acontecimentos da adolescência e projeções futuras. O pai assume particular centralidade, inicialmente pela partilha de interesses e pela aprendizagem, e posteriormente pelas escolhas escolares e profissionais. A mãe é sobretudo representada pela presença e apoio, a irmã pelo cuidado e orientação e o avô pela continuidade e memória familiar. A experiência da fratura constitui um momento significativo, no qual a preocupação dos pais é posteriormente transformada pelo adolescente numa reflexão sobre resiliência, persistência e capacidade de ultrapassar dificuldades. O pai surge ainda como figura importante na descoberta de interesses e na construção do projeto profissional. O falecimento do avô constitui a principal experiência de perda, sendo, contudo, integrado numa valorização da memória e do legado familiar. A valência é, globalmente, positiva, associada a afeto, apoio, aprendizagem, proteção e continuidade intergeracional. A elaboração reflexiva é elevada, uma vez que as figuras familiares são progressivamente transformadas em modelos e referências para a construção do *self*. A família funciona, assim, não apenas como contexto

dos acontecimentos, mas como recurso interpretativo através do qual RORE compreende quem é, aquilo que valoriza e aquilo que pretende vir a ser.

P10 ROTA

Na narrativa de ROTA, as irmãs constituem as principais figuras familiares mobilizadas. Nos quatro episódios analisados, identificam-se cinco ocorrências de referências familiares, quatro relativas às irmãs e uma à família enquanto conjunto, não emergindo referências substantivas aos pais. As irmãs mais velhas são representadas como "quase segundas mães", assumindo funções de proteção, orientação, apoio, incentivo e transmissão de aprendizagens. A sua presença acompanha diferentes momentos do desenvolvimento do adolescente, desde experiências da infância até decisões relativas ao percurso académico e às relações interpessoais. A entrada no campo de férias constitui uma experiência particularmente significativa, inicialmente marcada pelo receio, mas posteriormente reinterpretada como oportunidade de desenvolvimento da autonomia, socialização e responsabilidade. As irmãs assumem também um papel importante perante dificuldades relacionais e emocionais, incentivando a procura de apoio psicológico e funcionando como fontes de orientação. A relação com elas é, contudo, ambivalente: a proteção foi inicialmente percecionada como excessiva e limitadora, mas posteriormente reinterpretada como uma base de segurança compatível com a possibilidade de fazer escolhas próprias. Esta transformação é central na narrativa, pois acompanha a passagem de uma proteção vivida como controlo para um entendimento da mesma como suporte à autonomia. A valência das referências é, assim, predominantemente positiva, embora contenha essa ambivalência. A elaboração reflexiva é elevada, sobretudo quando ROTA identifica características que reconhece ter desenvolvido no contexto familiar, como a tendência para agradar aos outros, e procura simultaneamente conservar e transformar esses padrões. As irmãs constituem, deste modo, figuras de referência e aprendizagem a partir das quais o adolescente interpreta a própria forma de se relacionar, estabelece limites e constrói a sua autonomia. A narrativa evidencia, em particular, uma passagem de uma dependência do apoio familiar para uma relação de suporte que permite maior autodeterminação, tornando as irmãs elementos centrais na construção narrativa do *self*.

Apêndice E

Síntese das análises exploratórias de cada adolescente

P1 GOAL

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
1. Nascimento	Pai e mãe; avós; irmãos	Contextualização da história familiar.	Identificação da rede familiar e dos ramos parentais.	Neutra
2. Perder-se aos 4 anos	Pai e mãe	Situação de separação e reencontro.	Necessidade de segurança, proteção e repreensão paterna posteriormente reinterpretada.	Mista
3. Perder-se no shopping	Pai e mãe	Situação de desaparecimento na infância.	Necessidade de procura, proteção e segurança; embaraço materno.	Mista
4. Reflexão sobre os episódios	Pais	Reinterpretação das experiências infantis.	Aprendizagem, maior cautela e desenvolvimento da autonomia.	Positiva
5. Nascimento da irmã	Pai e mãe; avós	Doença da irmã e reorganização familiar.	Distanciamento emocional percebido; proteção dos avós e dificuldades na relação com o pai.	Negativa/mista
6. Aproximação do pai	Pai	Evolução da relação na adolescência.	Reconstrução do vínculo através de interesses e atividades partilhadas.	Positiva/mista
8. Ameaças da prima	Pai e mãe	Situação de ameaça não revelada.	Pais como potenciais figuras de apoio, mas não procuradas.	Ambivalente
9. Conflito com a mãe	Mãe	Alterações comportamentais e conflito.	Supervisão, preocupação e tentativa de compreender o adolescente.	Mista
11. Bullying	Pai e mãe; avô	Situações de vitimização escolar.	Proteção, mediação, apoio e transmissão de valores.	Positiva
12. Estratégias perante o Bullying	Mãe	Situações de tensão e risco de reação impulsiva.	Procura de apoio, comunicação e autorregulação emocional.	Positiva
13. Relação com o avô	Avô	Percurso de desenvolvimento.	Apoio, proximidade, estabilidade e reciprocidade.	Positiva
14. Aprendizagens com o avô	Avô	Aprendizagens familiares.	Transmissão de valores e estratégias de proteção; reflexão crítica sobre essas aprendizagens.	Mista

P2 GOBR

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Escolha da modalidade desportiva	Pai e mãe	Decisão parental sobre a prática de futebol.	Identificação da rede familiar e dos ramos parentais.	Neutra
Impacto da decisão parental na prática desportiva	Pai e mãe	Reflexão sobre as consequências da impossibilidade de praticar futebol.	Influência parental, limitação de possibilidades, adaptação e procura de alternativas.	Mista
Dificuldades escolares	Mãe	Intervenção perante dificuldades na Matemática.		
Aproximação atual e maior abertura emocional	Pai e mãe	Relação atual e comunicação familiar.	Proximidade, comunicação, partilha e reconstrução do vínculo.	Positiva

P3 GUHE

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Falecimento do avô paterno na primeira infância	Avô, avó paterna, pai e mãe	Perda familiar precoce e memórias familiares posteriores.	Ausência, vínculo familiar, memória partilhada e continuidade intergeracional.	Ambivalente/positiva
Influência das relações com os pares e do pai no interesse pelo desporto	Pai e amigos	Desenvolvimento do interesse pelo desporto.	Interesse partilhado, identificação e influência relacional.	Positiva
Divórcio dos pais e escolha do andebol	Pai, mãe e irmã	Apoio educativo, acompanhamento e orientação.		Ambivalente
Diminuição da presença paterna e procura do andebol	Pai, mãe e irmã	Falhas no contacto com o pai após a separação.	Proximidade/ausência, tristeza, preocupação com a família e procura de bem-estar.	Ambivalente
Afastamento definitivo do pai e contenção emocional	Pai, mãe e irmã	Interrupção do contacto e reorganização dos papéis familiares.	Ausência paterna, responsabilidade, proteção dos familiares, contenção emocional e aprendizagem.	Negativa/ambivalente
Construção da representação do amor	Pai, mãe e namorada	Ausência de um modelo conjugal parental e experiência amorosa própria.	Construção das representações sobre o amor, aprendizagem e desenvolvimento afetivo.	Ambivalente/positiva

P4 HUFE

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Dificuldades alimentares na infância	Mãe, pai e prima	Dificuldades alimentares e receio de experimentar alimentos novos; adaptação familiar às necessidades alimentares.	Presença e adaptação parental; apoio e procura de compreensão da dificuldade; a prima contribui para a sua interpretação.	Ambivalente
Educação na infância	Avó, pai e mãe	Organização da educação e cuidados durante a infância.	Avó como principal figura educativa e de transmissão de aprendizagens; pais como figuras presentes e envolvidas.	Positiva
Repreensão materna	Mãe e avó	Situação de infância relacionada com regras de comunicação.	Orientação e estabelecimento de limites; experiência posteriormente associada à dificuldade de falar em grupo.	Negativa
Reflexão sobre experiências passadas	Mãe (referência indireta)	Retoma do episódio da repreensão e procura de explicações para características atuais.	Ponto de partida para reflexão autobiográfica e compreensão de si.	Ambivalente
Conflito com o treinador e saída do basquetebol	Avô, pai e mãe	Relação com o treinador e envolvimento parental numa decisão desportiva.	Avô como referência contextual; pais como figuras mobilizadas pelo treinador; experiência associada à autonomia e à aprendizagem da discórdia.	Ambivalente
Continuidade da atividade física	Avô, mãe e irmão	Procura de alternativas após saída do basquetebol.	Avô como recurso quotidiano; irmão como companhia/projeto partilhado; manutenção da atividade física.	Positiva
Projeto de iniciar o ginásio	Irmão	Construção de novos hábitos e mudança pessoal.	Irmão como elemento facilitador, embora a decisão seja progressivamente autonomizada.	Positiva
Comportamento cuidador perante o irmão	Avô e irmão	Apoio ao irmão e reflexão sobre a origem do comportamento cuidador.	Irmão como destinatário do cuidado; avô como possível modelo de comportamento e referência de aprendizagem por observação.	Positiva

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Projetos de futuro	Avô	Escolha académica e profissional; construção do próprio percurso.	Avô como recurso e possibilidade de continuidade profissional através da empresa familiar; simultaneamente, afirmação da autonomia.	Positiva

P5 JOCA

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Nascimento e morte do avô paterno	Avô; mãe de forma contextual	Nascimento e morte do avô cerca de um mês antes do nascimento.	Ausência, memória familiar transmitida, construção de uma representação positiva do avô e perceção de um legado familiar que poderia ter contribuído para o seu desenvolvimento.	Ambivalente/positiva
Experiências no infantário e primeiras memórias	Mãe	Primeiras memórias de infância, associadas ao momento em que a mãe o ia buscar ao infantário.	Presença familiar, segurança e associação a um período recordado como sereno e feliz; sem atribuição explícita de influência no desenvolvimento atual.	Positiva
Divórcio dos pais e transição para maior autonomia	Pai e mãe	Separação parental, tristeza, confusão e angústia; reflexão posterior sobre o impacto do acontecimento.	Rutura familiar, impacto emocional e, posteriormente, aprendizagem, crescimento, maturidade, independência e maior consciência.	Ambivalente
Contacto com diferentes grupos sociais	Pai, de forma contextual	Comparação entre o sentimento de acolhimento na rua e em casa do pai.	Contextualização do sentimento de pertença e acolhimento; o foco principal permanece nas relações com os pares e na mudança da perspetiva sobre os outros.	Ambivalente

P6 PEBA

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência

Pandemia e estratégias de autorregulação	Mãe e pai	Comunicação aos pais das dificuldades sentidas durante a pandemia.	Apoio, escuta e mediação na procura de ajuda; a mãe assume uma intervenção mais direta.	Positiva
Dificuldades escolares a Matemática	Mãe e pai	Dificuldades no desempenho escolar e necessidade de melhorar o estudo.	Apoio instrumental, orientação educativa e regulação do comportamento; a mãe surge como figura mais interventiva.	Positiva
Impossibilidade de praticar futebol e percurso na natação	Mãe	Impedimento da prática de futebol após uma lesão e encaminhamento para a natação.	Proteção, orientação e condicionamento de uma escolha; posteriormente associada à descoberta de uma atividade valorizada pelo adolescente.	Ambivalente
Hospitalização/operação e superação do medo	Mãe e pai	Presença dos pais após a operação, num contexto de vulnerabilidade.	Presença, acompanhamento e segurança; a mãe é particularmente recordada pela interação durante o despertar.	Positiva

P7 PEXA

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Mentiras na infância e construção do valor da verdade	Pai e mãe	Reflexão sobre as mentiras na infância e sobre a origem do valor atualmente atribuído à verdade.	Transmissão de valores, responsabilidade pelos próprios atos, assunção das consequências e valorização da verdade; referência a uma educação sem recurso à violência física.	Positiva
Relação com o namorado e influência na forma como se vê a si próprio	Pai	Reflexão sobre a aceitação de características pessoais e sobre os modelos de masculinidade presentes no contexto familiar.	Ausência de imposição de modelos rígidos de masculinidade, percecionada pelo adolescente como possível fator facilitador de maior conforto e abertura relativamente a características pessoais.	Positiva
Construção de uma identidade orientada para a reflexão, intervenção social e ajuda aos outros	Família	Reflexão sobre valores, pensamento crítico, projeto de vida e futuro.	Transmissão de uma postura de questionamento e reflexão; base para a construção de perspetivas próprias, responsabilidade social e orientação para a ajuda aos outros.	Positiva

P8 RECA

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Nascimento e primeiras memórias	Mãe; avó; família	O adolescente não possui memória do nascimento, mas recupera informações transmitidas sobre o nascimento e refere a mãe nesse contexto. Na creche, a mãe comunica à avó o episódio dos vasos, sendo a avó quem estabelece uma consequência educativa.	A mãe surge como figura associada às origens e à transmissão de informação sobre o nascimento. A avó aparece como figura educativa, associada à definição de limites e consequências. O adolescente reconhece posteriormente uma diminuição do comportamento rebelde.	Ambivalente/positiva
Mudança da rebeldia na infância	Avó; mãe	O episódio dos vasos é recuperado quando o adolescente reflete sobre a sua antiga rebeldia e sobre a mudança ocorrida posteriormente.	A intervenção da avó é integrada como experiência educativa. A referência familiar funciona como ponto de partida para uma reflexão sobre mudança comportamental e desenvolvimento pessoal.	Positiva
Queda de moto-quatro	Mãe; avós; primos/tios	O episódio ocorre na quinta dos avós. O adolescente refere que perguntava à mãe se podia andar de moto-quatro, recebendo uma resposta negativa, mas acabou por fazê-lo com o primo. Depois da queda, recupera informação transmitida pela mãe.	A mãe surge como figura de proteção e estabelecimento de limites, embora o adolescente tenha decidido contrariar essa orientação. Os avós constituem o contexto familiar onde ocorre a experiência. O episódio é posteriormente associado à sua antiga rebeldia.	Ambivalente

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Mudança de casa	Mãe e pai	A mudança de casa é apresentada como uma conquista dos pais, que há muito desejavam concretizar essa mudança. O adolescente refere satisfação por vê-los alcançar esse objetivo.	Os pais aparecem enquanto agentes do próprio percurso familiar e como modelos de persistência. O adolescente explicita uma aprendizagem: esforçar-se para alcançar aquilo que deseja, à semelhança do que observou nos pais.	Positiva
Valores e aprendizagens associados aos pais	Mãe e pai	A referência aos pais emerge não apenas como acontecimento, mas como exemplo de esforço e concretização de objetivos.	Modelagem e transmissão indireta de uma orientação para o esforço e a concretização de objetivos pessoais. A experiência dos pais é apropriada pelo adolescente como princípio para a sua própria ação.	Positiva

P9 RORE

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Primeira memória e ligação aos pais	Pai e mãe	Aos 3, 4 anos, o adolescente recorda o primeiro evento com os pais associado à descoberta de um interesse partilhado, destacando particularmente a ligação com o pai.	A experiência é apresentada como um marco na relação familiar e como origem de uma paixão que permanece no presente. O pai é associado à partilha de interesses e ao fortalecimento do vínculo. O adolescente descreve este momento como um “alicerce” da sua vida.	Positiva

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Relação com a irmã	Irmã; mãe	Aos 6 anos, o adolescente recorda uma fotografia com a irmã e descreve-a como uma espécie de "segunda mãe". Refere simultaneamente a presença constante da mãe desde o nascimento.	A irmã é representada como figura de cuidado, aprendizagem, aconselhamento e proteção. A mãe é explicitamente reconhecida como presente. A experiência familiar é associada a afeto, apoio e transmissão de aprendizagens.	Positiva
Acidente e fratura	Pai e mãe	Aos 12, 13 anos, o adolescente sofre uma fratura grave enquanto ajudava o pai no jardim. Destaca não apenas o acidente, mas sobretudo a reação emocional dos pais perante o sucedido.	Os pais surgem como figuras emocionalmente significativas perante uma situação de vulnerabilidade. A preocupação do adolescente com o estado dos pais revela uma relação de forte envolvimento afetivo. A experiência é posteriormente integrada como aprendizagem de resiliência, persistência e rigor.	Ambivalente/positiva
Projeto profissional e influência do pai	Pai e mãe	Na reflexão sobre o futuro, o adolescente refere que desde criança desejava seguir a paixão do pai. O pai apoiava a ideia de ser piloto, enquanto a mãe manifestava reservas. Posteriormente, o adolescente orienta-se para a Engenharia Mecânica.	O pai surge como referência identitária e profissional, através da transmissão de interesses e da experiência partilhada. A mãe aparece como figura que introduz uma posição diferenciada relativamente à escolha. O projeto profissional é apropriado pelo adolescente como uma escolha própria.	Positiva/ambivalente

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Família e oportunidades de desenvolvimento	Família; pai e mãe	Ao explicar a escolha da Engenharia, o adolescente atribui importância ao contexto familiar e às experiências que lhe foram proporcionadas.	A família é entendida como contexto que proporciona experiências, oportunidades e condições para desenvolver interesses e capacidades. O pai assume particular importância na origem do interesse pelos automóveis e pela Engenharia.	Positiva
Confinamento e perda do convívio familiar	Família; pai	Durante o confinamento, o adolescente destaca a perda das saídas de fim de semana com a família e das idas às corridas. Após o confinamento, a primeira saída familiar ao Caramulo assume forte significado emocional.	A família surge como espaço de convivência, continuidade e pertença. A privação desse contacto durante a pandemia reforça posteriormente a valorização da proximidade e da presença familiar. O pai é destacado como figura central nessa experiência.	Ambivalente/positiva
Transmissão intergeracional de uma paixão	Pai; família; sobrinho	No regresso ao Caramulo, o adolescente identifica uma experiência de transmissão de uma paixão familiar ao sobrinho, associando-a a várias gerações.	A família funciona como espaço de transmissão intergeracional de interesses, experiências e significados. O adolescente posiciona-se simultaneamente como herdeiro e futuro transmissor dessa experiência.	Positiva
Falecimento do avô	Avô; família; pais e irmãos	No final do 10.º início do 11.º ano, ocorre a morte de um avô muito presente nas reuniões familiares e no Natal.	O avô é representado como figura agregadora da família e transmissora de felicidade e experiência. A perda é integrada através da ideia de legado e memória, considerados mais importantes do que bens materiais.	Ambivalente/positiva

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Identidade atual e influência do pai e da família	Pai; mãe; família	Na reflexão sobre as características atuais, o adolescente identifica o pai como uma das pessoas que o influenciou na persistência e na procura ativa de objetivos. Posteriormente destaca a mãe como “grande pilar”.	O pai funciona como modelo de persistência, trabalho e procura ativa, enquanto a mãe é representada como fonte de apoio, disponibilidade, orgulho e suporte emocional. As influências familiares são explicitamente integradas na definição do self atual.	Positiva
Aprendizagem com o pai na garagem	Pai	Entre os 10, 11 anos, o pai começa a ensinar-lhe como funcionam os automóveis, numa experiência que o adolescente identifica como decisiva para a escolha profissional.	O pai assume uma função de mentor, modelo e mediador de aprendizagem, proporcionando uma experiência prática que permite ao adolescente reconhecer e consolidar um interesse profissional.	Positiva
Fotografia e apoio familiar	Família	Na descoberta da fotografia, o adolescente atribui importância à família e a uma professora, reconhecendo o apoio e as experiências proporcionadas.	A família surge como suporte ao desenvolvimento de interesses e experiências pessoais, contribuindo para a exploração de diferentes dimensões da identidade.	Positiva

10 ROTA

Acontecimentos e outras referências	Figura parental/familiar	Contexto de referência	Função/significados	Valência
Campo de férias e desenvolvimento da autonomia	Irmã	Entrada no campo de férias, apesar do receio inicial.	Incentivo, criação de oportunidade, promoção da autonomia, socialização e desenvolvimento da colaboração e responsabilidade.	Positiva

Primeiro amor e rutura	Irmã	Período de sofrimento após a rutura e procura de apoio.	Incentivo à procura de apoio psicológico, proteção, orientação, apoio, transmissão de aprendizagens e influência na construção pessoal.	Predominantemente positiva, com ambivalência
Mudanças nas relações interpessoais	Família / irmãs	Reflexão sobre a tendência para agradar e sacrificar-se pelos outros.	Família identificada como possível origem desse padrão; irmãs associadas à aprendizagem de limites, equilíbrio, organização e gestão das relações.	Ambivalente
Escolha do percurso académico	Irmã	Incerteza relativamente ao curso e ao futuro académico.	Apoio, amparo, orientação e segurança, simultaneamente com promoção da autonomia e possibilidade de errar e construir o próprio caminho.	Positiva

Apêndice E

Grelha transversal de todos os adolescentes quanto à função das referências a familiares na narrativa de vida e seu significado

Tabela E1

Análise das entrevistas quanto à função, número de adolescentes que fazem referências parentais e familiares e o significado transversal

Função	**N.º de entrevistas/nº de vezes que é referido**	**Significado transversal**	**Entrevistas em que emerge** (Código)
Orientação educativa/apoio/proteção	6/10	Família que promove proteção, orientação educativa.	GOBR 2007, HUFE 2007, PEBA 2007, RECA 2007, RORE 2007, ROTA 2007

Função	**N.º de entrevistas/nº de vezes que é referido**	**Significado transversal**	**Entrevistas em que emerge** (Código)
Transmissão de valores/aprendizagens	6/10	Família que transmite valores de persistência, resiliência, atitude crítica.	HUFE 2007, PEBA 2007, PEXA 2007, RECA 2007, RORE 2007, ROTA 2007
Influência na autonomia	6/10	As relações parentais transmitem aprendizagens e autonomia.	GOAL 2007, GOBR 2007, GUHE 2007, HUFE 2007, JOCA 2007, PEBA 2007, PEXA 2007
Proximidade/vínculo afetivo	8/10	Relação de proximidade, comunicação, apoio e identificação.	GOAL 2007, GUHE 2007, HUFE 2007, PEBA 2007, PEXA 2007, RECA 2007, RORE 2007, ROTA 2007
Ausência/afastamento parental	2/10	Divórcio, diminuição da presença paterna e distância emocional.	GUHE 2007, JOCA 2007
Conflito/repressão, imposição de limites e/ou decisão parental restritiva	3/10	Disciplina, limites, decisões parentais ou experiências restritivas.	GOAL 2007, HUFE 2007, RECA 2007
Articulação com o self	10/10	As referências familiares são articuladas pelos adolescentes com aprendizagens e características pessoais, formas de agir ou compreender as relações e projetos do futuro.	GOAL 2007, GOBR 2007, GUHE 2007, HUFE 2007, JOCA 2007, PEXA 2007, PEBA 2007, RECA 2007, RORE 2007, ROTA 2007

Função	**N.º de entrevistas/nº de vezes que é referido**	**Significado transversal**	**Entrevistas em que emerge** (Código)
Transformação do significado	4/10	Os acontecimentos apresentados de forma descritiva são reinterpretados pelos adolescentes para identificar aprendizagens e características pessoais, valores ou formas atuais de compreender as relações e integrar o seu próprio percurso.	JOCA 2007, RECA 2007, RORE 2007, PEXA 2007